

JOSTEIN GAARDER

A  
VIDA  
É BREVE


5<sup>a</sup> EDIÇÃO

 EDITORIAL PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

A  
VIDA  
É BREVE

5<sup>a</sup> EDIÇÃO

 EDITORIAL PRESENÇA

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



FLÓRIA EMÍLIA SAÚDA

AURÉLIO AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA

Como é estranho ter de saudar-te nestes termos! Há muito, muito tempo, teria escrito apenas «para o meu pequeno e divertido Aurélio». Mas passaram já mais de dez anos desde a última vez que me abraçaste e, entretanto, muitas coisas mudaram.

Escrevo-te porque o sacerdote de Cartago deu-me a ler as tuas confissões. Deve ter pensado que os teus livros seriam uma leitura construtiva para uma mulher como eu. Na qualidade de catecúmena,<sup>1</sup> há já muitos anos que estou ligada a esta comunidade, mas não desejo ser batizada, Aurélio. Não é o Nazareno que me impede de dar tal passo, nem tão-pouco os quatro Evangelhos. Pura e simplesmente não quero ser batizada.

No teu Livro VI escreves: «Afastaram de mim, como impedimento para o matrimônio, aquela com quem eu partilhava o leito. O meu coração, tão preso a ela, ficou destroçado e ferido até sangrar. Voltou para África, fazendo-Vos<sup>2</sup> voto de jamais conviver com outro homem e deixando-me o filho natural que tivemos.»<sup>3</sup>

É bom verificar que ainda recordas os laços fortes que um dia nos uniram. Sabes perfeitamente que a nossa união foi mais do que uma relação fugaz, tão freqüente antes de os homens casarem.

Fomos fiéis um ao outro durante mais de doze anos e tivemos um filho juntos. Muitas vezes acontecia que pessoas que nos encontravam, nos tomavam por marido e mulher segundo o preceito legal. Tu apreciavas isso, Aurélio. Creio mesmo que tinhas orgulho nisso, enquanto muitos homens têm vergonha das suas mulheres. Lembras-te daquela vez em que atravessamos o rio Arno? De repente, fizeste-me parar e, pousando a tua mão sobre o meu ombro, disseste algo. Lembras-te desse episódio?

Escreves freqüentemente que omites muitas coisas e que de outras já não te lembras. Desculpa-me, mas vou refrescar-te a memória sobre alguns pontos fundamentais.

E verdade que prometi não voltar a conhecer outro homem. Porém, essa promessa não foi feita a Deus. Não foste tu, por acaso, quem me fez prometer isso? Tenho a certeza de que foi assim, pois foi o meu único consolo quando parti de Milão e regressei a casa sozinha.<sup>4</sup> Ainda te preocupavas comigo, pelo menos um pouco. Pensei que Mônica<sup>5</sup> iria reconsiderar e voltássemos a viver juntos um dia. Ninguém pede fidelidade a outra pessoa, se a rejeita com ódio ou ira. Escreves mais adiante: «A chaga que me causou o fim da relação com a mulher com quem vivi ainda não sarou. A princípio inflamou e era terrivelmente dolorosa, mas depois gangrenou e tornei-me menos sensível à dor.»<sup>6</sup> Mais adiante voltarei a falar na sensibilidade e na gangrena.

Ambos sabemos que a nossa separação não se deveu unicamente ao fato de Mônica ter encontrado a mulher adequada para ti. É claro que a sua idéia era essa, pois pensava no futuro da família. Não teria ela ciúmes de mim? Muitas vezes me interroguei sobre isso. Jamais esquecerei aquela Primavera em que ela chegou a Milão decidida a interpor-se entre nós.

Mas foram os dois, tu e a tua mãe, que me mandaram embora, e para ti a razão principal não foi o casamento que estava planejado, foi também uma outra razão. Afirmaste que me repudiavas porque me amavas demasiado. O normal é permanecer junto da pessoa que se ama, mas procedeste assim porque começavas a sentir desprezo pelo amor carnal entre homem e mulher. Achaste que eu te prendia ao mundo dos sentidos e que não tinhas paz nem tranquilidade para te concentrares na salvação da tua alma. Foi também por isso que o teu casamento nunca se realizou. Escreves que Deus deseja, acima de tudo, que os homens pratiquem o celibato. Nesse Deus não creio eu.

Mas que infidelidade, Aurélio! Mas que traição cometeste ao repudiar-me! O teu coração rasgou-se onde mais preso estava a mim e ficou tão ferido que sangrou. Comigo passou-se o mesmo, se isso significa algo para ti. Éramos duas almas que foram apartadas violentamente, dois corpos, se preferires, ou, melhor ainda, duas almas num mesmo corpo. A tua ferida não sarava porque inflamou, ardia violentamente e, tendo gangrenado, tornou-te mais resistente à dor. E foi assim porque a salvação da tua alma estava acima do amor que sentias por mim. Ó tempos, respeitável bispo, ó costumes!?

Acaso nunca refletiste que as coisas se passaram assim? Lendo as tuas confissões não me parece que o tenhas feito. Não é uma forma mais grave de adultério abandonar a pessoa amada por causa da salvação da própria alma? Não seria mais fácil para uma mulher aceitar que o homem a abandonasse para contrair matrimônio com outra ou trocá-la por outra amante? Mas na tua vida não havia outra mulher. Tu simplesmente amavas a salvação da tua alma mais do que me amavas a mim. Querias salvar a tua alma, Aurélio, essa alma que um dia encontrara amparo em mim. Disseste que não desejavas casar-te, enquanto me tivesses. O matrimônio não era outra coisa senão um dever filial. E nunca casaste. A tua eleita não era deste mundo.

E havia um filho. E Deus é minha testemunha: assim como eu era a mãe de Adeodato, também tu eras o seu pai verdadeiro. Fui eu quem o trouxe no ventre e o amamentou, porque não tínhamos uma ama. Depois abandonei-o aos teus cuidados, escreves. Nenhuma mãe abandona de livre vontade o seu único filho sem que isso lhe cause a mais pungente das dores. Mas que podia eu exigir sem ti a meu lado e desprovida de bens? Não foi por essa razão que Mônica quis casar-te com uma pessoa de posição mais elevada? Creio que foi um grego que disse um dia: «a justiça só é possível entre iguais».<sup>8</sup>

No Livro IX imploras a Deus que aceite as tuas confissões, incluindo os muitos fatos sobre os quais guardas silêncio. Entre



essas omissões está o nosso último encontro. Deve ser certamente a ele que te referes, visto que nem uma palavra dedicas ao que fizeste durante um ano inteiro em Roma, antes de voltares a África. Omitires este fato, quando fizeste um esforço tão grande para escreveres as tuas confissões, parece-me quase infame.

O que é que pensas agora sobre o que aconteceu em Roma? Como é que pode ter acontecido conosco, Aurélio? Talvez a tua busca espiritual da alma tenha realmente começado naquele quarto miserável no Aventino. Tenho a certeza de que alguém te contou que eu conseguira chegar bem a Ostia. Embarquei imediatamente e, apesar das circunstâncias, a travessia do mar decorreu sem incidentes, e por fim cheguei a Cartago. Também desta vez tornaste conta do meu transporte. Era a segunda vez que me fazias regressar a África, quase como uma mercadoria. Foi já há muito tempo e as feridas sararam.

Desde que voltei de Milão, há quase quinze anos, tenho acompanhado sempre os teus passos. Seria mais correto dizer que voltei a percorrer as nossas velhas veredas de Cartago. Primeiro li tudo o que foi possível sobre filosofia com o intuito de descobrir o que haveria nesta disciplina capaz de separar duas pessoas que se amavam. Se te tivesses entregue a outra mulher, é provável que eu quisesse conhecê-la. Mas a minha rival não era uma outra mulher que eu pudesse ver com os meus olhos; era sim um princípio filosófico. Por isso, para te compreender melhor, tive de trilhar parte do caminho que tu próprio um dia percorreras. Comecei a ler filosofia.

A minha rival não era apenas *minha* rival. Era a rival de todas as mulheres; era o anjo da morte do próprio amor.<sup>9</sup> Tu chamas-lhe Abstinência. No Livro VIII, escreves: «Então podia ver diante de mim a Abstinência na sua pura beleza, serena e alegre, mas sem frivolidade na sua alegria. Seduzia-me com brandura para que me entregasse sem receio. Estendia-me as suas mãos piedosas para me receber e abraçar.»<sup>10</sup>

Nestas linhas dizes muito com poucas palavras.<sup>11</sup> Nem sequer tentas ocultar como te deixaste seduzir. Não posso negar que o meu coração ardeu de ciúme quando li estas palavras. Pois não foi exatamente com essa mesma intensidade que te entregaste a mim quando éramos jovens? Não foi com «brandura» que tentei abraçar-te? Sinto-me tentada a dizer como Horácio: quando os tolos querem evitar um erro, fazem precisamente o oposto.<sup>12</sup>

Comecei, exatamente como tu, por ler Cícero.<sup>13</sup> No teu Livro III escreves sobre ele: «Havia uma coisa na exortação de Cícero que me deleitava em particular: ela não me estimulava a procurar esta ou aquela direção filosófica, mas sim a amar, a buscar e a conquistar a verdade...»<sup>14</sup> Essa sabedoria, Aurélio, é a mesma que me levou a ler os filósofos e os grandes poetas. Li também os quatro Evangelhos. Desde que nos separámos, dediquei a minha vida inteiramente à Verdade, <sup>15</sup>do mesmo modo que tu te entregaste à Abstinência. Continuo a estimar-te, mas devo acrescentar que atualmente ainda estimo mais a Verdade.<sup>16</sup> Consideram-me uma

mulher culta aqui em Cartago e dou aulas particulares. Não achas curioso que eu ensine Retórica agora? Ou também perdeste o teu sentido de humor, Aurélio? Não há lugar para o humor nas tuas confissões. Era diferente quando estávamos juntos. Nesse tempo gracejávamos e ríamos do levantar ao pôr do Sol. Hoje dizes, provavelmente, que o humor é o mesmo que a «paixão sensual» ou o «comodismo».

De qualquer maneira, agradeço-te pelos teus livros. Nenhuma outra obra<sup>17</sup> me ajudou a entender melhor por que é que, primeiro, querias deixar-me para ficares à espera que uma donzela de onze anos alcançasse a idade suficiente para casar contigo. Porém, logo depois decidiste adorar a deusa a que chamas Abstinência. Agradeço a tua sinceridade. O que me leva a escrever são os teus lapsos de memória acerca de uma coisa bem diferente. Tácito disse que à mulher convém chorar as perdas, ao homem, recordá-las.<sup>18</sup> Mas Aurélio, tu nem sequer te lembras!

Tenho três cartas tuas diante de mim. Uma foi enviada de Milão quando decidiste cancelar o casamento, poucos meses após a minha partida. A segunda veio de Ostia quando a tua mãe morreu. Mas que comovente teres deixado Adeodato escrever umas palavras à sua própria mãe! Daí a dois anos, quando a morte arrebatou o pobre menino, voltei a receber notícias tuas. Alguém te viu chorar então? Espero sinceramente que não penses que o menino adoeceu e morreu por ter sido concebido em pecado. Esta minha dúvida surgiu ao ler o teu Livro IX, onde descreves Adeodato como o «fruto do meu pecado». Imediatamente a seguir escreves que Deus é poderoso a «corrigir as nossas deformidades».<sup>19</sup> E acrescentas que, à exceção do teu pecado, não tinhas outra parte nesse rapaz. Tu,

Aurélio, que lhe deste o nome de Adeodato<sup>20</sup> devias envergonhar-te. Certamente não crês que o Senhor o afastou do teu caminho para benefício da tua carreira sacerdotal e episcopal. Que Deus tenha compaixão dos teus erros!

O nosso filho morreu, Aurélio! Devias ter vindo até mim e teríamos chorado juntos. Ainda não tinhas sido ordenado sacerdote, não estavas comprometido e Adeodato era o nosso único filho. Terias vergonha do que se passou em Roma e por isso não tiveste coragem de te encontrares comigo? Ou terias receio que voltasse a acontecer o mesmo?

Não consigo compreender porque custa tanto chorar. O Livro IX, Aurélio! Será demasiado carnal manifestar dor? Nem sequer permitiste que o teu único filho derramasse lágrimas ao despedir-se da avó paterna! É mais carnal reprimir o choro porque a dor fica retida dentro de nós como um fardo pesado. Que o menino descanse em paz!



Aqui em Cartago foi o sacerdote quem me emprestou as tuas confissões. Perdoa-me, mas vou transcrever algumas passagens que gostaria de comentar com mais pormenor. Espero que tenhas paciência para ler as minhas reflexões de espírito aberto. São as minhas confissões, se assim preferires, pois considero esta minha carta mais do que uma saudação pessoal: é também uma saudação ao bispo de Hipona Regia. Os anos passaram e muitas coisas se modificaram desde a última vez que nos abraçamos. A minha carta

pode considerar-se também uma carta para toda a Igreja Cristã, tendo em conta que agora és um homem de grande influência.

Devo confessar que este pensamento me infunde receio, mas rezo a Deus para que a voz de uma mulher também seja escutada pelos homens da Igreja. Talvez ainda te recordes do que te disse naquela manhã em que passeávamos pelo Fórum Romano e contemplávamos a fina camada de neve que pousara sobre o Palatino. Falei-te então da tragédia *Medéia*, de Sêneca, que eu tinha acabado de ler. Nessa obra diz-se que a outra parte deve ser ouvida também; e aqui a outra parte sou eu.<sup>21</sup>

O teu Livro I tem uma introdução prometedora e louvas Deus pela Sua sabedoria e magnificência. «Para quem, através de quem e em quem todas as coisas subsistem», escreves.<sup>22</sup> Depois falas da tua infância; creio, porém, que muitas dessas reflexões se baseiam na tua observação dos primeiros anos de vida de Adeodato. Pouco a pouco vão já surgindo os ares sombrios que percorrem todos os teus livros como um fio vermelho: «Ninguém há, diante de Vós, que seja puro, nem mesmo o recém-nascido que vive um só dia na Terra... Os frágeis membros da criança são inocentes, mas a sua alma não.» E porquê? Porque viste «a expressão ávida e irada de um rapazinho que olhava para o irmão que também queria ser amamentado». Pobre Aurélio! O fato de esse rapaz querer ser amamentado não significa que tenha maldade. Dizes também que Deus «dotou o corpo de sentidos e membros, adornado com uma forma bela e implantou nele o instinto natural de defesa para assegurar a sua integridade e conservação».<sup>23</sup> Mas tu não vês isto como sendo algo de belo e bom, porque voltas a lamentar-te que nasceste em iniquidade e que foste concebido em pecado. Em amor, respeitável

Bispo, a criança é concebida em amor; Deus organizou este mundo de uma forma tão bela e sábia que não permitiu a concepção por germinação como as plantas.

Pretendes, inclusive, atribuir um significado mais profundo ao fato de Mônica não te ter batizado em criança: «Na verdade, as manchas do pecado, depois do banho do batismo, implicam um sentido de culpa mais intenso e perigoso.»<sup>24</sup> Pecado e culpa, porque Deus nos criou homem e mulher com uma profusão de sentidos e necessidades? Talvez instintos, ou, se preferires, apetites excitáveis, Aurélio, digo-te isto sem quaisquer rodeios, porque foste outrora o meu companheiro de leito. Na lista dos teus pecados até incluíste a história de Dido e Enéias que tanto adoraste na juventude.

Escreves insistentemente nos teus livros sobre o «desejo dos sentidos» e os «desejos pecaminosos». Já te ocorreu por acaso que és tu quem está a menosprezar os dons de Deus? Sou levada a crer que o teu desdém pelo mundo dos sentidos tem mais a ver com os maniqueístas<sup>25</sup> e platônicos do que com o Nazareno.

No teu Livro X vais ainda mais longe. Deixas transparecer desdém não apenas pelo mundo dos sentidos, que faz parte da obra de Criação de Deus, mas até pelos próprios sentidos que convém não esquecer, também pertencem à Sua obra!<sup>26</sup> «Não me inquieto demasiado com as tentações do sentido do olfato. Quando estão ausentes, não as procuro. Quando estão presentes, não as desdenho, mas também estou preparado para viver sem elas.» De

vez em quando sentes vergonha do prazer que a comida te dá. Mas Deus ensinou-te a usar os alimentos «como se fossem remédio». Felicito-te,<sup>27</sup> embora o simples fato de pensar nessa idéia me cause náuseas. Escreves a seguir: «mesmo quando comemos para o bem da nossa saúde há uma perigosa sensação de bem-estar». Muitas vezes afirmas: «não se percebe muito bem se são os cuidados com o nosso corpo ou se é o desejo enganador de prazer que exige ser servido».<sup>28</sup> Meu respeitável Bispo, imagina outra coisa que seja deliciosa ao paladar e ao mesmo tempo saudável para o corpo! Prefiro usar o pensamento simples de Horácio: é agradável perder o juízo na ocasião adequada.<sup>29</sup> Assim mantenho a consciência tranqüila.

É preciso comer, Aurélio. Tens direito a desfrutar os alimentos. Espero também que não descures a higiene. Quando vês uma flor bonita, podes cheirá-la, apesar de agora entenderes isso como «concupiscência». Devias sentir vergonha. Cícero disse que nada é tão absurdo que não possa ser dito por um filósofo.<sup>30</sup> O mesmo poderia dizer-se dos teólogos. Lembras-te de quando íamos a atravessar o rio Arno e me detiveste de repente para me cheirares o cabelo? Foi acaso a «concupiscência» que se revelou nesse momento? Não, não creio. Estou convencida de que um dia conheceste o verdadeiro amor, mas já te esqueceste.

No teu Livro II escreves sobre a tua juventude em Tagaste e a «alma corrompida pelo prazer sensual».<sup>31</sup> Dizes: «a coisa que mais me deleitava era amar e ser amado... Mas a lama da concupiscência da minha carne e do vigor da juventude exalava vapores que enevoavam e ofuscavam o meu coração, a ponto de eu não conseguir distinguir o amor puro do prazer lascivo. Ambos ardam



confusamente dentro de mim e me arrastavam para um abismo de paixões e vícios».<sup>32</sup>

Estás a exagerar um pouco, Aurélio. Tu, como todos os adolescentes, tinhas uma imaginação muito viva, mas aquele rapaz que conheci uns anos mais tarde e com quem compartilhei o leito era um jovem hesitante e inexperiente. Dizes ainda que te envergonhavas de não ter a experiência que os teus companheiros diziam ter. Falas dos «vícios vergonhosos» que eles deixavam transparecer, mas tu fizeste o mesmo. Sim, isso é ingênuo, mas será correto chamar-lhe vergonhoso? Vergonhoso é essas infantilidades continuarem a ocupar a mente do Bispo de Hipona Regia. Tenêncio disse que nenhuma manifestação humana deveria ser estranha a um bispo.<sup>33</sup> A juventude é e será sempre a juventude. Até mencionas o terrível «delito» que cometeste com dezesseis anos quando furtaste umas maçãs de uma árvore na companhia de outros rapazes.<sup>34</sup>

De repente, ficas mais sério. Começas por referir as seguintes palavras de Paulo: «É bom para o homem não tocar em mulher alguma.»<sup>35</sup> Mas, meu caro Aurélio, porque mencionas apenas esse versículo? Continuo a pensar que isso é influência dos maniqueístas. Não aprendeste na Escola de Retórica que é perigoso destacar uma frase do seu contexto? Paulo diz que é bom que um homem não toque numa mulher, mas esclarece depois que, para evitar a luxúria, cada homem deve ter a sua própria mulher e cada mulher o seu próprio homem. Além disso acentua que a mulher e o homem serão um corpo único. Devem entregar-se um ao outro para que não sejam induzidos à infidelidade pelo fato de não conseguirem manter a Abstinência.<sup>36</sup>

O fulcro da questão é saber se uma pessoa poderá redimir-se dos «apetites pecaminosos» ao decidir-se pela Abstinência. Sinceramente: apesar de já terem decorrido quinze anos desde que te lançaste nos braços da Mãe Abstinência, a tua obsessão a este respeito persiste mais intensa do que é normal nos homens da tua idade. Na verdade fizeste um grande recuo. Rejeitas a ordem natural das coisas, mas ela voltará a estabelecer-se, diz Horácio.<sup>37</sup> A não ser que tomes uma posição mais radical, claro. Sugeres que seria melhor teres recorrido à castração na juventude para entrar no reino dos Céus.<sup>38</sup> Assim serias mais feliz enquanto aguardavas o abraço de Deus. Pobre Aurélio! Sentes vergonha de seres um homem. Precisamente tu que foste tão voluptuoso a meu lado. Mesmo agora, anos após teres eleito a Abstinência, ainda lamentas perante Deus a falta de uma mulher a teu lado. No teu Livro X, meu respeitável Bispo, escreves: «Mas na minha memória, de que já tanto falei, vivem ainda as imagens dessas coisas que o hábito fixou. Quando estou acordado, embora pouco vivas, é certo, vêm-me à mente. Porém, durante o sono, elas arrastam-me não só até ao deleite, mas até à simulação da ação.»<sup>39</sup>

Baseada nesta confissão concluo que ainda não te deixaste castrar. Sentes a minha falta de vez em quando? Não serão as minhas recordações e os nossos antigos «hábitos» que te visitam nos sonhos? Espero que não te tenhas deixado castrar ainda, Aurélio, tu que fostes outrora tão vigoroso no meu leito. Podias ter arrancado os olhos, como fez Édipo<sup>40</sup> ou cortado a língua, se não o fizeste até agora, é porque ainda desejas os meus beijos.

O teu sexo era também um órgão sensual. Ou estarei enganada, Aurélio? Falas constantemente do «prazer sensual» mesmo quando te referes ao deleite do amor. Crês tu por acaso que os teus olhos ou os teus ouvidos são uma criação divina superior ao teu sexo? Pensas a sério que algumas partes do corpo humano são, perante Deus, menos dignas que outras? Será o teu dedo médio mais respeitável do que a tua língua? Não te esqueças de que o usaste também!



No Livro III escreves sobre a época em que chegaste a Cartago como jovem estudante: «Vim para Cartago. O erotismo perverso fervilhava em todos os lados à minha volta. Ainda não amava e já gostava de amar. Escondia os meus desejos e enraivecia-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor. A minha sede de amar levava-me a procurar algo que pudesse amar.»<sup>[41](#)</sup>

Então encontraste-me. Estavas na cidade há um ano quando nos conhecemos. Eu tinha nascido aqui. Tínhamos cerca de dezenove anos. Lembro-me que estava sentada debaixo de uma figueira na companhia de três ou quatro estudantes. Tu conhecias um deles e aproximaste-te. Encandeada pelo sol, olhei para ti. Cativaste-me de imediato, porque olhaste-me fixamente e, perturbado, dirigiste o teu olhar para o chão uma ou duas vezes, antes de voltares a procurar o meu olhar. Era como se já tivéssemos vivido juntos e soube imediatamente que viria a amar-te de corpo e alma. O que não receara nem sonhara é que isso viria a acontecer nessa mesma noite. Se tivesse imaginado, teria temido e sonhado ao mesmo tempo.

Não era estranho que eu estivesse acompanhada de outros estudantes, mas a maneira como participava na conversa com eles deixou-te estupefato. Foi disso que falamos quando ficamos a sós. O grupo tinha discutido a concepção de Virgílio sobre a vida e o amor em geral. Se bem me recordo, registraste com certa surpresa como eu defendia a proeza amorosa de Dido.<sup>42</sup> Era como se me perguntasses se uma mulher poderia amar tanto um homem a ponto de rejeitar a própria vida quando soubesse que fora abandonada.

Falamos de Dido e Enéias e, talvez por isso, tu perguntaste-me de repente se eu tinha estado alguma vez em Roma. Estranhei a tua pergunta. Achei-a mesmo muito estranha. Mal nos conhecíamos e já querias saber se eu tinha estado naquela cidade. Considerei essa atitude uma tentativa de aproximação, porque logo acrescentaste que nunca lá tinhas estado mas tencionavas fazê-lo um dia.

Acabáramos de falar em Dido e, ao ouvir essa pergunta, fiquei com a impressão de que me querias coroar rainha de Cartago. Foi com tanto fervor que defendi essa rainha mítica que foi como se quisesses que eu fosse contigo a Roma para que eu nunca viesse a ter o destino dela. Então, não fazia idéia de que, anos mais tarde, iria contigo a Roma. Era como se tudo tivesse começado com a partida de Enéias de Cartago. Devo também dizer que tudo acabou ali. Tal como Enéias, tu também tinhas uma missão superior e mais importante que o amor, em Cartago.

Antes de ficarmos sós debaixo da figueira, algo se deve ter passado entre nós que desconcertou os outros, alguma coisa forte e intensa como uma cumplicidade invisível. Mais tarde acompanhaste-me a casa e, nos meus aposentos humildes, passaste a noite. Um ano e meio mais tarde, nasceu o nosso querido filho. Permanecemos sempre juntos até que Mônica e a Abstinência nos separaram pela força, deixando a ambos destroçados.

A nossa vida em comum desenrolou-se desde o primeiro momento num clima intensamente sensual, pois ambos venerávamos Vênus. Em certas épocas éramos irrefreáveis. No entanto, ao ler hoje as tuas confissões, tive a triste sensação de que aquilo a que agora chamas «prazeres da carne» era a única coisa que nos unia. Por vezes, parece que há em ti um arrependimento exagerado pela tua vida passada e, portanto, pelo tempo que precedeu à tua entrega total à Abstinência. Não sei se é Deus ou a tua própria dúvida e arrependimento que pretendes exorcizar.

Pareces envergonhar-te sobretudo da nossa amizade profunda. Muitos homens envergonham-se mais de cultivar a amizade com uma mulher do que praticar com ela o amor carnal. Depois culpam o amor carnal de impedir a amizade sincera com uma mulher. É lamentável que isto seja tanto mais freqüente acontecer nos homens quanto mais instruídos filosoficamente. Eu, por meu lado, atribuo grande parte desta culpa aos maniqueístas e aos platônicos. Depois de leres o *Fédon*,<sup>43</sup> senti que começaste a olhar-me de forma diferente, e foi ainda pior quando acabaste de ler Porfírio.<sup>44</sup> Quantas as cabeças, tantas as maneiras de pensar, Aurélio!<sup>45</sup> Os meus temores só foram verdadeiramente confirmados quando começaste a chamar-me Eva, após a nossa chegada a Milão. Foi quando começaste a fazer tudo para entrares no círculo de Ambrósio.<sup>46</sup>

Escreves que a tua alma não gozava de saúde nessa altura e que «ulcerosa ela se lançava para fora, para o pecado, ávida por se roçar nos prazeres sensuais. Mas mesmo estes não eram totalmente desprovidos de alma, de outro modo eu não os teria amado. Era para mim mais doce amar e ser amado, quando podia usufruir o corpo da pessoa amada. Deste modo, manchava com a impura concupiscência, a profunda fonte de amizade e ofuscava o seu resplendor com o fumo infernal da luxúria».<sup>47</sup>

Não consegues ocultar o desprezo profundo e intenso que sentes por Vênus, Aurélio, que foi a ponte coberta de jóias entre as nossas duas almas solitárias e assustadas. E há mais. Agora também desprezas todos os outros prazeres que os sentidos oferecem.

Chegas ao ponto de desprezar os teus próprios sentidos. Tornaste-te definitivamente um eunuco!

Não entendo como podes repudiar os nossos segredos, chamando-lhes simplesmente «concupiscência» e «luxúria». Pois bem, até ler o teu Livro X não tinha ainda compreendido que agora desprezas todos os sentidos e todo o vinho e fruta que levam à nossa alma. Mas isso não é tudo. Começas por vangloriar-te perante Deus quão profundamente és capaz de desprezar a Sua obra de Criação. Justificas isto, dizendo que viste um «resplendor» com a tua visão interior.

No entanto, jamais esquecerei as tuas mãos nem os teus comentários cheios de graça. Noto que andas perdido entre os teólogos. Mas que profissão desprezível! Como é possível que o pequeno possa presidir ao grande? Como é que a obra pode definir o mestre? E como é que uma obra pode decidir deixar de desempenhar o papel de obra?

Fomos criados seres humanos, Aurélio. E fomos criados como homem e mulher. No seu tratado sobre a velhice, Cícero argumenta que o jovem não deseja possuir a força do leão ou do elefante. Não devemos tentar viver como algo que não somos. Não seria isso escarnecer de Deus? Somos seres humanos, Aurélio. Devemos viver primeiro e só depois filosofar.<sup>48</sup>



Não me venhas tu agora dizer que eu era apenas um corpo de mulher. Como consegues diferenciar o corpo da alma? Não será isso desaproveitar a obra de Criação de Deus? Oh!, sim, claro que é, meu tigre desleal! Quando me arranhavas com as tuas ferozes carícias, também rasgavas a minha alma.

Descreves no teu Livro IV a amizade de uma forma muito bela. Mas claro que apenas te referes à amizade entre homens: «Conversávamos e ríamos, éramos amáveis uns com os outros, líamos em conjunto livros bem escritos, gracejávamos, respeitávamo-nos mutuamente, discordávamos de tempos a tempos sem animosidade como um homem discorda de si mesmo. Mas através dessa rara diferença de opinião, consolidava-se a harmonia. Ensinávamos ou aprendíamos uns com os outros. Sentíamos saudades dos ausentes e acolhíamos-los com alegria quando regressavam. Com estes e outros sinais semelhantes, o amor dos amigos pode passar de coração em coração através da expressão do rosto, palavras, olhares e mil gestos de amizade. São como faíscas que incendeiam a nossa alma e fundem o múltiplo num só.»<sup>49</sup>

Ao ler este capítulo senti-me quase como se tivesse sido devorada, ou melhor, devorada e regurgitada ao mesmo tempo. Não achas que estas palavras se referem também à nossa amizade? Conversávamos um com o outro e ríamos juntos, tínhamos atenções um para o outro do nascer ao pôr do Sol e emanávamos sinais secretos, sinais esses que eram «de coração em coração através da

expressão do rosto, palavras, olhares e mil gestos de amizade». A extrair o melhor da nossa vida comum e guardá-lo na memória para depois teres a ousadia de destacá-lo como se pertencesse à amizade entre homens. Quando nos conhecemos debaixo da figueira não eras assim tão mesquinho. E certo que tinhas muitos amigos já nesse tempo, diria mesmo muitíssimos. Mas o amor que sentíamos um pelo outro era diferente e nunca senti ciúmes da amizade que dedicavas aos teus amigos. As centelhas que entre nós brotavam incendiavam as nossas almas e inflamavam os nossos corpos.

Não evitas confessar o teu arrependimento pelo amor sensual que existia entre nós. Até aí tudo bem. Mas não te esqueças que eu era sobretudo a tua melhor amiga. Insinuas que te atolaste tanto na lama do pecado ao ponto de manter a amizade com uma mulher. Mas eu não era apenas carne.<sup>50</sup> O teu maior delito<sup>51</sup> dessa época não foi amares a carne de uma mulher, e nisso não eras diferente dos outros. O teu pecado<sup>52</sup> mais infame foi teres amado também a alma de Eva.

Se não implorasses tão encarecidamente a Deus para sondar a tua alma, jamais te faria recordar estas coisas, visto que já passou muito tempo desde que nos abraçamos pela última vez. A verdade desliza pelas tuas confissões como um potro indômito. Deixa-o galopar, Aurélio, deixa-o voltar para mim: em mim encontrará o repouso, porque só eu o conheço.

Talvez exista um Deus que nos conhece. Estou convencida de que Ele registrou todas as coisas boas que demos um ao outro. Se Ele não existe, minha velha alma gêmea, então nenhuma outra pessoa se conhece melhor uma à outra do que nós os dois. Entregaste-me o teu corpo e a tua alma e eu ofereci-te o meu corpo e a minha alma. Onde tu estavas, estava eu e onde eu estava, querias também estar.<sup>53</sup> Entre nós interpuseram-se, primeiro, uma mãe, depois, os maniqueístas e os platônicos e, por último, tu próprio interpuseste os teólogos e a Abstinência. Distanciaste-te ainda mais de mim do que Enéias se distanciou de Dido. Que Deus tenha piedade dos teus erros!

Não éramos nós dois corpos fundidos num único, do mesmo modo que uma ponte une as duas margens? De repente, do rio emergiu uma divindade poderosa ou uma idéia abstrata chamada Abstinência e cortou a ligação entre as duas margens. Não, respeitável Bispo, não creio num Deus assim. Tenho discutido este assunto amiúde com o sacerdote de Cartago. Ele sabe que vivi com um homem, mas não suspeita que foste tu. Não é irônico que um belo dia ele tenha vindo ter comigo para me entregar as tuas confissões? Ou terias sido tu quem o incitou a fazê-lo?

Espero que ainda te recordes de como, sob as tuas carícias o meu corpo se enchia de botões viçosos como antes de florirem. Como gostaste um dia de colher as minhas flores, deixando-te embriagar com os aromas que elas exalavam! Alimentavas-te do meu suco e acabaste por vender-me em troca da salvação da tua alma. Mas que traição, Aurélio, mas que traição! Não, eu não creio num Deus que exige sacrifícios humanos. Não creio num Deus que destrói a vida de uma mulher para salvar a alma de um homem.





Quando o nosso filho fez dois anos, fomos para Tagaste, a tua cidade natal, onde começaste a ensinar Retórica. Quase no fim do Livro III, escreves: «Como tenho pressa de Vos confessar o que é de maior urgência, não refiro muitas coisas. De muitas outras, já não me recordo.»[54](#)

Mas será que te esqueceste das objeções que Mônica levantou a que vivesses em sua casa comigo e com Adeodato? Já nesse tempo, fiquei com a impressão de que vos uniam laços que não são naturais entre mãe e filho. Também tinha as minhas idéias sobre os sonhos de Mônica. Um dia, contaste, ela «sonhou que estava de pé sobre um tronco de árvore. Um jovem airoso e alegre dirigiu-se-lhe sorrindo. Ela sentia-se triste e amargurada. Ele perguntou-lhe porque estava triste e chorava todos os dias — o rapaz fê-lo por solidariedade, não por curiosidade — e ela respondeu que chorava porque me perdera. Então ele pediu-lhe que não se afligisse, que prestasse atenção e assim veria que onde quer que ela se encontrasse, estaria eu também.<sup>55</sup> E quando ela olhou, viu-me junto de si, de pé, no mesmo tronco».<sup>56</sup>

Repetes isto, Aurélio, como se quisesses esclarecer bem o que pretendes dizer com isto: «Onde ela está, estás tu também.»<sup>57</sup> Mônica e tu, portanto mãe e filho, sobre o mesmo tronco de árvore. Talvez seja uma alusão à religião, mas parece agora que tu queres atribuir-lhe um outro significado. É natural um filho deixar os pais para conviver com uma mulher e ambos formarão uma só carne. Mas ela interpôs-se entre nós e acabou por vencer o duelo. Era sem dúvida uma mulher poderosa e com grandes ambições para si própria e para o seu filho.

Passemos ao Livro IX. Contas que sofreste com a morte de Mônica em Ostia: «...a minha vida formada pela fusão da sua, despedaçou-se.»<sup>58</sup> Vejo que não sentes vergonha; deves ter esquecido a história de Édipo e Jocasta, a sua mãe.<sup>59</sup> Édipo arrancou os seus próprios olhos, enquanto tu terias preferido a castração, o

que vai dar ao mesmo. Mas que exaltação poética, Aurélio!<sup>60</sup> Às vezes é tentador dizer a verdade com humor.<sup>61</sup>

Como acontecera comigo, também tu sentiste um vazio na tua vida e chamaste-me para junto de ti. Mas o lugar da tua mãe, depressa foi preenchido por Deus. Ele era a única coisa que restava depois de ela partir, uma nova mãe. Primeiro Mônica ocupou o lugar de Deus e, após a sua morte, os papéis inverteram-se. Primeiro, ela interpôs-se entre nós e, mais tarde, o Deus dos Nazarenos ocupou o lugar dela.

Perguntei-me várias vezes se a tua própria mãe não te teria tirado a vontade de amar uma mulher. Não foi por me amares que Mônica se recusou a viver na mesma casa e a comer à mesma mesa que tu? Lembra-te do teu Livro III, Aurélio! Não foi também por isso que ela foi a Milão e se apressou a arranjar o teu casamento com uma outra mulher? Recordá-te do teu livro VI! E não é verdade que optaste pela Abstinência quando soubeste que esse casamento nunca se realizaria?

Quando atravessámos o rio Arno detiveste-me e, colocando carinhosamente a tua mão sobre o meu ombro, perguntaste-me se podias cheirar o meu cabelo. A vida é tão breve!, disseste.<sup>62</sup> Por que é que disseste isso, Aurélio? E porque cheiraste o meu cabelo? Querias selar alguma coisa?

Mencionas-me pela primeira vez no início do Livro IV. Dizes «por esses anos tinha na minha companhia uma mulher, mas não celebramos um matrimônio legítimo. Ela foi a presa dessa inquieta, destemperada paixão. Mas tive só essa mulher e guardava-lhe a fidelidade do leito».<sup>63</sup>

Ao ler que fui presa da tua paixão cega e imprudente, ri-me porque a tua paixão por mim era constante e consciente, embora a chama por vezes fosse menos intensa. Além disso, eu não era «uma presa» à espera de ser caçada. Como tu próprio insinuas, vivíamos como cônjuges; a única diferença é que nos declaramos um ao outro de livre vontade, sem a interferência dos nossos pais. Se não me amasses, terias procurado outras mulheres ou freqüentado bordéis. Como não estávamos casados formalmente, ninguém estranharia que me trocasses por uma concubina. Mônica foi o único obstáculo que se interpôs no nosso caminho e, depois, e cada vez mais, os remorsos que sentias por me amares tão intensamente, o que poderia vir a ser um impedimento para a salvação da tua alma.

Fazes alusão a Cláudio<sup>64</sup> que morreu de febres: «Eu era desgraçado, e desgraçada é toda a alma presa pelo amor às coisas mortais... eu sentia um profundo tédio de viver e um medo horrível de morrer.»<sup>65</sup> Mais adiante, escreves: «A minha alma estava despedaçada e escorria sangue, e não se sentia bem em mim, mas eu não encontrava lugar onde pudesse pacificá-la. Ela não encontrava paz nos bosques amenos, nem nos jogos e cânticos,



nem em jardins suavemente perfumados, nem em banquetes faustosos, nem no prazer da alcova, nem mesmo nos livros e na poesia.»<sup>66</sup>

Recordo-me perfeitamente que essa época foi difícil para nós ambos. Apesar de tudo, tínhamo-nos um ao outro e, no período que sucedeu à morte do teu amigo, fui eu o teu único consolo. Deve ter sido por esse tempo que começaste a procurar uma verdade que pudesse salvar a tua alma de tudo o que perece. Dizia-te: abraçame, a vida é muito breve e ninguém sabe se existe uma eternidade para as nossas almas frágeis, talvez só tenhamos esta vida. Mas tu não podias admitir tal coisa, Aurélio! Procuravas incansavelmente a eternidade para a tua alma. Davas mais importância à salvação da tua alma do que à perdição da minha.

De Tagaste regressámos para Cartago. Sentia-me muito feliz, pois viver sob o mesmo teto que Mônica não era agradável para nenhum de nós. Escreves: «Os dias vinham, os dias passavam e cada dia que passava inspirava-me novas esperanças e novas idéias. Pouco a pouco reencontrava-me nos antigos prazeres.»<sup>67</sup> Mas a semente fora lançada à terra e uma nova colheita tomava conta de ti.

É estranho que escrevas tão pouco sobre Adeodato. Embora talvez também o incluas a ele na lista dos teus «antigos prazeres».





No livro V descreves a viagem de Cartago para Roma: «... a minha mãe chorou amargamente a minha partida e seguiu-me até ao mar. Agarrou-me com força para me fazer voltar ou ir comigo.»<sup>68</sup> Mas conseguimos enganá-la, Aurélio. Levaste-a a pernoitar naquele templo de Cipriano. Aproveitando a escuridão, fugimos para o mar com Adeodato que nesse tempo tinha onze anos. Disseste gracejando que, nessa noite, a Rainha de Cartago partia com Enéias para Roma. Ao deixar Cartago, senti-me na verdade uma orgulhosa Dido. Veio-me então à mente que, dez anos antes, me tinhas

perguntado se já tinha estado em Roma. Estava certa de que agíramos corretamente. Éramos forçados a libertar-nos de Mônica para podermos fazer uma vida em comum.

Quando adoceste com febre, cuidei de ti e rezei por ti. Lembro-me do medo que tinhas de morrer. Não paravas de perguntar se estavas perdido. Não tinhas encontrado ainda a salvação da tua alma. Escreves: «A febre subiu e eu estava prestes a partir e a perecer. Para onde iria, se morresse, senão para o fogo e tormentos que eu merecia? segundo as Vossas corretas disposições.»<sup>69</sup> Em nome de Hades, Aurélio! Mas que nova mitologia é esta? Tu que escarnecias das lendas dos antigos deuses, acreditas agora na ira de um Deus que castiga e tortura eternamente os seres humanos pelos seus atos? Ainda bem que não pensavas assim quando a febre te atacou num humilde quarto em Roma. Só te preocupavas com a perdição da tua alma.<sup>70</sup> Fui eu quem mitigou a tua angústia com palavras de consolo extraídas da filosofia dos estóicos.<sup>71</sup> Falámos também do Nazareno e da esperança cristã. Mas nenhum de nós acreditava nessas palavras sobre o fogo e os tormentos eternos. Éramos demasiado cultos para tal. Como é que um respeitado reitor imperial pode acreditar hoje em tal coisa? Acaso pensará o Bispo de Hipona Regia que dentro de anos estará a *gozar* o santo paraíso de Deus, enquanto Flória Emília ficará sujeita ao fogo e aos tormentos eternos porque se negou a receber o batismo? Não, piedoso Bispo, essas teorias devem ser revistas quanto antes ou ficarei seriamente preocupada com o fato de mais gente se deixar batizar e da Igreja de Roma vir a expandir-se cada vez mais. Ambos conhecemos a decadência política que a nossa sociedade está agora a atravessar! Será pois de estranhar que os costumes e as crenças estejam a atravessar também uma decadência semelhante?

Recuperaste depressa. Jamais esquecerei a rapidez com que a febre passou. Pouco depois estavas bem. Íamos à cidade juntos. Ensinaste Retórica durante uns meses, alimentando-te ao mesmo tempo das conversas filosóficas com os acadêmicos.<sup>72</sup> Quiseste sempre que eu te acompanhasse, especialmente quando ias conhecer gente nova. Comigo a teu lado, sentias-te orgulhoso, diria mesmo um triunfador, não tanto pelo fato de me teres escolhido, mas por eu te ter escolhido a ti.

Foi então que conseguiste um posto como professor imperial de Retórica, em Milão. A viagem até lá foi uma experiência notável, provavelmente porque essa foi uma das melhores épocas que passamos juntos. Recordas-te certamente daquele magnífico dia de Outono quando passeávamos pela Via Cassia em companhia de Adeodato, dois amigos e algumas pessoas que ainda não conhecíamos. O grupo era grande.

Mais tarde chegámos à antiga cidade fortificada de Florentia,<sup>73</sup> na margem do rio Arno. Não te lembras de termos contemplado extasiados as colinas cobertas de neve que se avistavam por detrás das árvores? Fico com a impressão de que te lembras apenas de idéias ou pensamentos, mas não serás capaz de trazer à memória experiências relacionadas com os sentidos? Estávamos a atravessar a ponte sobre o rio. Repentinamente deixaste as pessoas com quem conversavas e vieste ter comigo. Abraçaste-me com ternura e, num sussurro, disseste: «A vida é tão breve, Flória.»

Pegaste na minha mão e apertaste-a na tua, como se tivesses decidido jamais esquecer esse momento. Foi então que me Perguntaste se podias cheirar o meu cabelo. Enquanto soltavas os meus cabelos e aspiravas o seu perfume, senti a tua respiração no meu pescoço. Era como se me quisesses puxar toda para dentro de ti, como se o meu espaço fosse dentro de ti. Com esse ato, julguei que exprimias o teu desejo de continuarmos juntos para sempre porque as nossas almas estavam fundidas. Aconteceu antes de Mônica chegar a Milão, antes dos planos do teu casamento e do teu encontro com os teólogos.

Não me venhas agora dizer que o episódio sobre o Arno foi «prazer sensual» ou «concupiscência», respeitável Bispo. Muitas pessoas estavam a olhar para nós, naquele momento, e é talvez por isso que o recorde tão nitidamente. Ali, na ponte, fizeste algo que sabias que tinha um imenso valor para mim. Aquele gesto, para comigo, era a expressão do teu profundo reconhecimento de que eu era a tua eleita, ainda que não fosse tua mulher perante a lei. Foi igualmente a expressão de um sentimento de liberdade porque, enfim, podíamos agir livremente num país longe de Mônica. De certa forma, éramos dois fugitivos.

Os anos foram passando e muitas coisas aconteceram desde que fomos viver para Itália. Porém, acho incrível que o teu Deus condene o prazer que Sentiste ao cheirar os meus cabelos e, para redimir pecados de tão baixa índole, tivesse enviado o Seu único

filho para o calvário. Na viagem acompanhava-nos um filho que saltitava e corria em redor dos seus pais. Gostarias tu de vê-lo pregado na cruz em nome do amor? Pela salvação da tua alma, espero que o teu Deus tenha um sentido de humor tão desenvolvido como o teu antes de teres encontrado teólogos. Claro que o Seu sentido de humor pode ser ainda mais macabro que o teu e achar que a tua alma se deteriorou tanto desde o dia em que atravessámos o rio juntos que agora já não é possível salvá-la. Onde há muita inteligência, respeitável Bispo, há pouco amor!<sup>74</sup>

Tenho um bonito camafeu,<sup>75</sup> que agora seguro na minha mão. Compraste-o a uns vendedores que estavam no outro lado da ponte. Que Deus me perdoe por ocupar-me de uma coisa tão material, mas é tudo o que tenho. Nunca vi qualquer resplendor com a minha visão interior, nunca fui visitada por aparições nem nunca ouvi vozes; nesse aspecto ainda sou uma mulher simples. Não te desejo senão bem para a salvação da tua alma.<sup>76</sup> Mas a vida é breve e eu sei muito pouco. Imagina, Aurélio, que não havia céu sobre nós; imagina que fomos criados para viver apenas esta vida. Nesse caso, oxalá que as nossas almas voem eternamente sobre o Arno. Foi em Florentia que Flória floresceu<sup>77</sup> e foi também no Arno, numa tarde de sol dourado, que a tua testa, Aurélio, brilhou como se fosse de ouro.<sup>78</sup>



Então, conhecestes o bispo Ambrósio em Milão. Escreves que o achavas «um homem feliz e considerado pelos homens poderosos».<sup>79</sup> Só a sua vida de celibato te perturbava e tu irias sofrer grandes tormentos porque cada vez mais te convencias de que tinhas de renunciar ao amor por causa da salvação da tua alma.



No final da Primavera, chegou Mônica. Seguiu por terra e por mar, relatas. Colocou-se diante de ti, virando-me as costas, apesar de saber que tu e eu éramos apenas um. Vinha com dois propósitos: um deles era que recebesses o batismo e o outro que desposasses uma rapariga de posição elevada. Penso que este segundo motivo era o mais importante. Estavas completamente confuso, mas resolveste fazer-te «catecúmeno na Igreja Católica, como os meus pais me tinham aconselhado, até surgir uma luz que me elucidasse sobre o caminho a seguir».<sup>80</sup> No Livro VI exclamas: «Ó grandes homens da Academia! Poderemos encontrar alguma certeza sobre a qual construir a nossa vida?»<sup>81</sup>

Desculpa-me a longa transcrição que se segue, mas, ao menos aqui, pareces ter refletido: «E se a morte eliminar a agonia da alma no momento em que extingue a consciência? Esta é, com efeito, uma questão para ponderar. Mas longe de mim afirmar que tal suceda! Não é sem uma forte razão que a fé cristã se encontra tão difundida por todo o mundo, tão grandiosa e tão elevada que é! Nunca o poder divino teria criado coisas tão magnânimes e notáveis para o nosso proveito, se a morte do corpo significasse também a da alma. Porque tardamos, pois, em abandonar as aspirações mundanas, para nos dedicarmos totalmente à busca de Deus e da bem-aventurança? Mas esperai! Afinal também há alegrias neste mundo, e têm os seus encantos, o que não é pouco. Não devemos, por isso, desviar deles a nossa inclinação com excessiva pressa, pois seria impróprio voltar de novo a esses bens mais tarde. Não é bom alcançar um cargo honroso? Que mais posso desejar? Tenho muitos amigos poderosos. Poderia ter pelo menos um lugar no governo — para não dizer um cargo ainda mais importante. Depois casar-me com uma rapariga que possuísse alguma fortuna, para ela não sobrecarregar os meus gastos. Seria este o limite daquilo que eu posso desejar. Muitos homens importantes, dignos de serem considerados modelos, entregaram-se, apesar de casados, ao estudo

da sabedoria. Era assim que eu costumava falar, enquanto os ventos mudavam e impeliam o meu coração de um lado para o outro. Entretanto o tempo passava e eu tardava em converter-me ao Senhor. De dia para dia adia viver em Vós, mas não impedia que a morte me afetasse todos os dias.»<sup>82</sup>

À vida chamas aqui morte, precisamente tu que um dia te inclinaste para aspirar o perfume do meu cabelo quando atravessávamos a ponte sobre o Arno. Depois dizes: «Desejava a verdadeira felicidade da vida, mas temia ir buscá-la aonde ela estava. Procurava-a, fugindo-lhe! Pensava que seria profundamente infeliz, se me privasse dos braços de uma mulher.»<sup>83</sup>

Temias privar-te dos *meus* braços, Aurélio, quantas vezes falámos sobre isso. Não escreveste o meu nome, porque tinhas de ser prudente.<sup>84</sup>

Falaste muito a este respeito com Alípio:<sup>85</sup> «A nenhum de nós dois interessava em particular aquilo que faz do casamento algo de belo, ou seja, construir um lar e criar filhos. A principal preocupação era que eu estava habituado a satisfazer o meu insaciável apetite sexual, que me tornava cativo e me atormentava violentamente.»<sup>86</sup>

O que te atormentava, Aurélio, era que, para te casares com uma mulher com fortuna, terias de abandonar-me. Pois não éramos almas gêmeas? Não estaríamos nós tão unidos de corpo e alma, de tal modo que a nossa separação era mais uma tarefa para um cirurgião do que para uma mãe à procura de esposa para o filho? Não devíamos ter pensado em Adeodato que nesse tempo tinha doze anos?<sup>87</sup>

Escreves: «Entretanto insistiam incessantemente para que me casasse. Fiz o pedido de casamento e fui aceite, ajudado sobretudo por minha mãe, que tanto se empenhou para me ver regenerado, depois do matrimônio, na água redentora do batismo.»<sup>88</sup>

Mônica entrou no meu quarto. Jamais poderei esquecer aquela manhã em que ela apareceu enquanto eu cuidava da minha higiene diária. Tinhas acabado de sair para a Escola de Retórica onde irias passar todo o dia. Ela ordenou-me que partisse. Tudo estava destinado e organizado para o meu regresso a África nessa mesma tarde com um grupo de viajantes. Tinhas pedido uma rapariga em casamento e ela aceitara. Os seus pais tinham imposto que eu partisse imediatamente.

Mônica vingava-se da noite em que a abandonamos em Cartago. Era a sua vez de demonstrar qual das duas era a mais forte. Disse-me que desejavas que eu partisse; não o fazias tu próprio porque te faltava a coragem, qual pastor que não tem coragem de matar os seus cordeiros. Eu acreditei nela; foi esse o

meu trágico erro.<sup>89</sup> Suponho que deves ter pensado que eu era uma dessas personagens trágicas, extraídas da toga de Eurípedes.<sup>90</sup> Fui abandonada pelo meu próprio esposo por causa do seu amor divino! Foi assim que se passou, Aurélio, nem mais nem menos!<sup>91</sup>

Acreditei que desejavas o meu regresso a Cartago, onde nos conhecêramos anos antes, debaixo de uma figueira. Quando nos voltamos a encontrar em Roma mais tarde, juraste que fôramos separados sem o teu consentimento.

Mônica disse-me ainda que querias que eu promettesse nunca vir a conhecer outro homem. Interpretei isso como um sinal de hesitação da tua parte e pensei que um dia voltaríamos a viver juntos. Não deixa de ser um grande mistério para mim que Mônica tenha dito tal coisa, quando o seu único objetivo era a minha partida. Terá ela dito isso para que eu não me opusesse à partida? Mônica pode ter pensado que eu receberia mais facilmente o batismo se não vivesse com outro homem. A verdade é que recebi logo uma carta tua em que me imploravas que não me entregasse a outro homem. Dizias também que provavelmente não casarias. Mas a parte mais importante da carta estava no fim: «Tenho tantas saudades tuas, Flória.»

Adeodato acompanhou-te nesse dia à Escola de Retórica e eu não o abracei pela derradeira vez, antes de recolher as minhas coisas e me afastar de ti e dele. Levei tudo comigo.<sup>92</sup>

Não fiz como Dido, Aurélio. Talvez tenha prometido demasiado aquela vez, debaixo da figueira. Se Adeodato estivesse comigo, não teria feito como Medéia.<sup>93</sup> Simplesmente parti.



Falas do entusiasmo com que Mônica preparou o teu casamento com a jovem: «Faltava-lhe, porém, quase dois anos para atingir a idade para se poder casar. Mas, como gostava dela, não me importava de esperar.»<sup>94</sup> Creio que seria preferível teres escrito que te convinha esperar...

Decepciona-me que não dediques uma ou duas frases àquilo que pensaste quando soubeste que a tua mãe me separara de ti e de Adeodato, sem o teu consentimento. Voltaste a uma casa vazia. Eu, que te acompanhara durante todo aquele longo percurso desde África, já ali não me encontrava. Eu, Aurélio, que tinha atravessado contigo o rio Arno, já não estava mais ali. Escreves apenas: «Afastaram de mim, como impedimento para o matrimônio, aquela com quem eu partilhava o leito. O meu coração, tão preso a ela, ficou destroçado e ferido até sangrar. Voltou para África, fazendo-Vos voto de jamais conviver com outro homem e deixando-me o filho natural que tivemos. E eu, miserável, não segui o exemplo dessa mulher! Quando me apercebi que faltavam ainda dois anos para receber a rapariga que pedira em casamento não tive paciência para esperar, porque, embora não desse muita importância ao casamento, era um escravo do prazer. Procurei outra mulher — mas não esposa — e assim mantive intacta ou ainda mais agravada, a doença da minha alma, enquanto esperava pelo matrimônio, apoiado pelo velho hábito.»<sup>95</sup>

Desconhecia por completo a existência desta mulher até ler as tuas confissões. Mas que vergonha terás sentido quando soubeste que eu nunca me entregara a outro homem! Estas palavras são importantes para mim porque admities que o motivo da nossa separação não foi o teu casamento. Devíamos ter continuado juntos até que essa pobre rapariga alcançasse a idade para o matrimônio. Mas tu nunca tiveste a intenção de casar! Querias salvar a tua alma da perdição eterna e voltaste a cair na tentação da carne. Coisas que acontecem! Pobre Aurélio, só agora começo a compreender essa necessidade profunda de te confessares. Digo sinceramente: não me agrada nada a forma como te confessas.

Suponho que Mônica não desaprovou a tua nova vítima. Tinha conseguido que rompesse uma relação de muitos anos com uma mulher que amavas de corpo e alma. Mônica deve ter ficado contente com essa nova mulher que não satisfaria senão a tua paixão carnal. A tua mãe era uma mulher generosa, respeitável Bispo, e dos mortos não se fala. Acabou por se vingar do que sucedeu quando fugimos de África.

Volto a reproduzir o que escreveste: «A chaga que me causou o fim da relação com aquela mulher com quem vivi ainda não sarou. A princípio inflamou e era terrivelmente dolorosa, mas depois gangrenou e tornei-me menos sensível à dor, mas mais desesperado.»<sup>96</sup> E continuas: «Só o temor da morte e do Vosso juízo, que nunca deixou de me atormentar, apesar de eu ter mudado de opinião, me afastava do abismo tão profundo dos prazeres carnis... Epicuro, na minha perspectiva, teria recebido a palma,<sup>97</sup> se eu não acreditasse que a vida da alma continua para além da morte e que há reconhecimento por aquilo que fizemos. Epicuro negou isso. Eu queria saber por que não éramos felizes ou que mais buscaríamos, se fôssemos imortais e pudéssemos viver em eterno gozo sensual, sem receio algum de o perder!»<sup>98</sup>

Mas por que é que desejavas mais? Quero dizer: que propósito serve procurar uma coisa que talvez não exista? Fazes-me lembrar aquele grego que ganhou umas moedas de ouro no jogo e, porque queria ganhar ainda mais, acabou por perder toda a sua fortuna.<sup>99</sup>



Imagina uma paisagem frondosa com pessoas e animais, flores, crianças, vinho e mel. Nessa paisagem existe também um labirinto medonho. Imagina-te, santo Bispo, meu antigo companheiro de leito, perdido nesse labirinto profundo, sem o fio de Ariadne,<sup>100</sup> que te possa guiar pelos caminhos tenebrosos de regresso ao paraíso em que um dia viveste. No fundo desse labirinto reinam os teólogos e os platônicos e, de cada vez que um novo homem entra naquele espaço, aumenta o número dos presentes. Cada um deles é levado a acreditar que tudo o que existe fora do labirinto é obra do Diabo. Uma vez persuadido, também tu já não queres sair da escuridão profunda do labirinto.<sup>101</sup> Ou deveria chamar-vos pescadores de homens?<sup>102</sup> Nunca esqueceste a mulher que amaste; no entanto dás graças a Deus por estares separado dela, evitando assim que ela te alicie. Apenas nos teus sonhos «vivem ainda imagens de coisas que o hábito inveterado lá fixou».<sup>103</sup>

Que Deus te perdoe. Deus pode estar sentado algures a observar como repudias as suas criações. Nas tuas confissões dizes várias vezes que, na tua vida anterior, estavas onde Deus não se encontrava. Mas agora é que deves andar perdido. Édipo julgava também que estava no caminho certo quando foi de Delfos para Tebas e esse foi o seu erro trágico. Teria sido preferível que ele tivesse regressado a casa dos seus pais adotivos, em Corinto. Para ti, Aurélio, teria sido também muito melhor se tivesses voltado a Cartago. Aqui continuamos a sentir o amor de Deus nas flores, nas árvores e em Vênus, Aurélio!

Aproveito para citar as seguintes palavras de Horácio: «Pensa que cada dia que amanhece é o teu último dia.»<sup>104</sup> Não quero dizer que vai ser o teu último dia, mas há uma hipótese de que tal possa vir a acontecer. Ninguém sabe se a esta sucederá outra vida para as nossas almas. Essa possibilidade existe, velho reitor, e gostaria que meditasses nela. E se o Bispo de Hipona Regia se enganou?

A vida é breve, demasiado breve. Talvez vivamos esta única vez, aqui e agora. Se assim for não terás voltado as costas a estes dias luminosos, quando te perdeste no labirinto dos pensamentos obscuros e sinistros de onde não consigo libertar-te.

Não vivemos eternamente, Aurélio! Devemos aproveitar os dias que nos são concedidos.

Quase no final do teu Livro VI escreves sobre a alma que amas acima de tudo: «Quer se vire para trás, para o lado ou para diante, tudo lhe é duro. Só em vós ela descansa.»<sup>105</sup>

De novo, fazes-me pensar nos dias e nas noites que passamos juntos em Cartago, onde ambos encontramos descanso profundo. Dizias-me então que onde eu estivesse, estarias tu também. Mas não cumpriste a tua promessa. Fugiste de mim como um ladrão e

penetraste nos caminhos complexos da teologia, sem levar o meu fio como guia.<sup>106</sup>

Inicias o Livro VII com estas palavras: «A minha adolescência má e pecadora já tinha passado e entrei na idade adulta, mas quanto mais velho ficava, mais envergonhado me sentia da minha frivolidade.»<sup>107</sup> O que é o pecado, a maldade e a frivolidade, respeitável Bispo? Não será tudo o que nos separa de Deus?

E prossegues: «Não podia imaginar outra realidade senão a que os nossos olhos normalmente vêem.»<sup>108</sup> Mas supõe que não existe outra realidade. Se assim for, então afastaste-te da luz em vez de te teres virado para ela.

Não vês as florestas verdejantes, Aurélio?<sup>109</sup> Não és capaz de ver o mundo à tua volta? Se o que vês com os olhos terrenos não te agrada, devias arrancá-los apesar de isso me parecer uma blasfêmia.

Mais adiante dizes que agora vês as coisas mais nitidamente e estás certo de que «aquilo que se pode corromper é inferior ao incorruptível».<sup>110</sup> Devo admitir que isto parece bastante sensato e refletido. Mas existirá realmente algo incorruptível a que as nossas almas se possam agarrar? No entanto, se o incorruptível não existe,

acho mais insensato procurar uma coisa que não é corruptível do que algo susceptível de corromper-se, partindo do princípio que o Bispo de Hipona ainda não arrancou os olhos nem se deixou castrar por causa do reino dos céus. Lamento falar-te assim, Aurélio, mas sou levada pela minha própria exaltação ao escrever sobre estas coisas!

Divagas sobre o que a tua visão interior viu e sobre o amor que sentes por aquilo que não tem corpo. Sinto calafrios. Imagina que alguém mandava calar o canto dos pássaros porque o ouvido interior dessa pessoa tinha ouvido uma melodia mais bela! Ou que mandava murchar as flores e as árvores porque o seu olfato interior descobrira um aroma mais maravilhoso que os aromas da própria natureza! Imagina, finalmente, que alguém destruía a arquitetura e os objetos de arte porque se apaixonara pelas coisas impalpáveis!

Para mim, os pássaros já não cantam, as flores não têm as mesmas cores e ninguém cheira o meu cabelo. Tão-pouco tenho quem me abrace. Partilhei o destino de Dido. Apesar de tudo, jamais lançarei fora o camafeu que neste momento aperto na minha mão.



No Livro VIII falas sobre a tua conversão em Milão. Foi como se tivesses finalmente encontrado a paz. Escreves: «Nessa altura, estava convencido da vida eterna em Vós, ainda que só a visse através de um espelho.<sup>111</sup> Mas estava liberto de todas as dúvidas sobre a existência de um ser incorruptível do qual todas as coisas provêm.»<sup>112</sup>

Concordo contigo, Aurélio: deve existir um ser incorruptível que criou o mundo e todos os seres vivos, incluindo mulheres e crianças. As conclusões que tiras da tua fé continuam a ser um mistério para mim.

«Desagradava-me a vida que eu levava no mundo. Era um enorme fardo sobre mim.»<sup>113</sup> E explicas o significado de «vida no mundo»: «Ainda estava fortemente ligado à mulher. O Apóstolo não me proibia de casar, mas exortava-me a um estado melhor, porque preferia que todos os homens o imitassem. Porém, demasiado fraco, como eu era, escolhi o lugar onde me sentia melhor. Era só por isso que me confrontava com hesitações em tudo o mais. Enfraqueci, minado por preocupações que me consumiam...»<sup>114</sup> Um pouco mais à frente, acrescentas: «Assim, havia duas vontades, uma concupiscente, outra dominada, uma carnal e outra espiritual, que se digladiavam dentro de mim. E neste conflito permanente, dilaceravam-me a alma.»<sup>115</sup>

Na carta que recebi nesse período dizias que sentias muito a falta dos nossos abraços. Não te inquietes que eu não mostrarei essa carta ao sacerdote!

As tuas confissões não cessam aí: «Sentia-me agradavelmente oprimido pelo peso do mundo mais do que quando se dorme. E os pensamentos que eu tinha de Vós pareciam-se com os esforços daqueles que desejam despertar, mas que, vencidos pela profundidade do sono, de novo adormecem. Não há ninguém que queira dormir

continuamente. Qualquer pessoa sã concorda que é preferível estar acordado. E, contudo, quando os nossos membros se tornam pesados e descontraídos, retardamos, as mais das vezes, o momento de sacudir o sono e continuamos, de boa vontade, a prolongá-lo mesmo se não nos está a apetecer ou se chegou o tempo de nos levantarmos. Eu também estava certo de que era melhor entregar-me ao Vosso amor que ceder à minhas paixões.»<sup>116</sup>

Mas, Aurélio, quantas vezes precisas repetir isto? Parece-me que repetes várias vezes a mesma coisa, aliás, como sempre fizeste. Continuas: «Com efeito, já tinham decorrido muitos anos — talvez uns doze — desde que, com os meus dezenove anos, me apaixonei pelo estudo da sabedoria, ao ler *Hortensius*, de Cícero. Eu ia adiando a hora de desprezar a felicidade terrena, entregando-me à busca da sabedoria, cuja investigação e descoberta são preferíveis a tesouros, reinos do mundo e alegrias físicas, que eu encontrava facilmente à minha volta.»<sup>117</sup>

E relatas que Deus te foi libertando das correntes da concupiscência da carne: «Dai-me a castidade e a abstinência; mas não a deis já. Temia que me ouvísseis de imediato e me curásseis prontamente da doença da concupiscência que antes eu preferia suportar que extinguir. Nem queria nem deixava de querer.»<sup>118</sup>

A tua nova amada acabou por vir ao teu encontro, abraçando-te «serena, alegre, mas sem frivolidade na sua alegria».<sup>119</sup>

Sinto vontade de felicitar-te, porque é quase como se tivesses contraído matrimônio. Apesar de a noiva ser invisível, era ela a rainha que desejavas. Casaste e não precisaste de levá-la para a casa de tua mãe. Mônica deve ter ficado contente porque alcançou os seus propósitos e isso não ocultas tu. Conseguiu que casasses e recebesses o batismo ao mesmo tempo.

Relatas a grande emoção que Sentiste pela tua conversão; a esse ato eu preferia chamar-lhe bodas: «Levantou-se uma enorme tempestade trazendo consigo uma torrente de lágrimas. Para as derramar livremente, afastei-me de Alípio. Se eu tinha de chorar, achava mais indicado chorar sozinho. Afastei-me o suficiente para que a sua presença não me perturbasse. Era este o estado em que me encontrava! Alípio percebeu, porque eu lhe disse, julgo, qualquer coisa em que deixava transparecer o tom que o choro imprimia ao timbre da minha voz. Então ergui-me. Alípio, estarrecido, deixou-se ficar imóvel no sítio onde estava. Atirei-me não sei como, para debaixo de uma figueira, e deixei as lágrimas correrem. As torrentes de lágrimas que saíam dos meus olhos eram um sacrifício agradável para Vós.»<sup>[120](#)</sup>

Voltaste, portanto, a procurar abrigo debaixo de uma figueira fechando assim o círculo. Não podes ter deixado de pensar na nossa figueira em Cartago. Ali perguntaste-me um dia se eu já tinha estado em Roma. Ao pensar nesse episódio que, à luz das tuas



confissões, se tornou quase profético, sinto calafrios. Teriam algumas das tuas lágrimas sido derramadas por mim?

Depois de sucumbires debaixo de uma figueira, em Milão, encontrou Enéias a terra prometida. Estava finalmente consumado: tudo vencera o amor![121](#)

Escreves: «Fomos ter em seguida com minha mãe. Eu e Alípio, contamos-lhe o sucedido. Ela rejubilou...! De tal forma me converteste a Vós que agora já não desejo uma esposa, nem nada mais que me faça deste mundo. Agora permanecia firme naquele tronco de árvore de fé aonde anos antes, Vós tínheis trazido minha Mãe para ela me ver numa visão. Transformastes a sua tristeza numa alegria muito mais rica do que ela desejaria, e muito mais preciosa e casta do que a que podia esperar do neto nascido da minha carne.»[122](#)

Não achas que foste um pouco precipitado, ao excluir o potencial de Adeodato, nesta questão? Nesse tempo era ainda impossível antever o seu destino infeliz. Teria o pobre rapaz vindo um dia a abraçar a Abstinência como tu? Não o consideravas teu filho? Concordo que era um filho bastardo, mas ainda não chegámos ao último ato da tragédia...

No Livro IX escreves sobre a viagem de regresso da quinta de Verecundo, na companhia de Alípio: «Trazíamos conosco Adeodato, o filho carnal do meu pecado, que tínheis dotado de grandes qualidades. Com quinze anos incompletos, o seu talento ultrapassava já o de muitos homens ilustres e doutos. Louvo-Vos por estes Vossos dons, Senhor meu Deus, Criador de todas as coisas e tão poderoso para corrigir os nossos erros, porque nada de meu havia nesse jovem, além do pecado. A disciplina com que o criámos desde a infância foi somente inspirada por Vós. Louvo-Vos, pois, por estes Vossos dons.»[123](#)

Logo acrescentas: «Há um livro meu que se intitula *O Mestre (De magistro)* onde ele dialoga comigo. Sabeis que todos os pensamentos, atribuídos ao meu interlocutor, eram os dele quando tinha dezesseis anos? Ouvi dele coisas ainda mais prodigiosas. A sua inteligência causava-me calafrios de admiração. Quem mais senão Vós, poderia ser o autor de tais maravilhas? Depressa o levastes da Terra. É com a maior tranqüilidade que eu o recordo, sem qualquer ansiedade pela sua infância, adolescência, ou no decurso da sua vida.»[124](#)

Não posso ocultar a dor que estas linhas me causaram. E se me arrepio também é por uma razão muito diferente. Não sei se foi Deus quem arrancou Adeodato deste mundo. O que sei é que tu o arrancaste da sua mãe. Adeodato era o meu único filho, respeitável Bispo. Não foi sob a tua custódia que ele definhou e acabou por morrer, deixando-nos ambos sós?

Agora, que nenhuma mulher caprichosa pode seduzir Adeodato debaixo de uma figueira, deves sentir um grande alívio! Por meu lado, ficaria seriamente preocupada se um dia ele se rendesse à Abstinência como seu escravo e brinquedo.<sup>[125](#)</sup>



Agora é a minha vez de imitar-te: omitirei certas coisas para chegar depressa ao essencial. Além disso, gastei metade da minha fortuna em pergaminho e restam-me poucas folhas para escrever.

Chegaste a Ostia, junto ao Tibre, vindo de África. Foi ali que tu e Mônica «falaram a sós, com sentido muito professoral e tentaram

descobrir qual seria a vida eterna dos santos». Foi então que chegaste à conclusão de que «por maior que seja, o prazer, na mais radiosa glória terrestre, não é digno de comparação com a alegria da eternidade, nem merece que dela se faça menção». [126](#)

Tens de perdoar-me, distinto Bispo, mas agora sou uma mulher erudita. Com a humildade devida, sinto-me obrigada a insinuar que tudo isto parece uma conjura. Imagina que te enganaste num ponto crucial como este. Nesse caso terás de dar crédito a Epicuro, como um dia, enquanto ainda estávamos juntos, mo disseste. Continuo a pensar que tu e Adeodato teriam voltado a Cartago imediatamente. Se tivesses vindo, não terias escolha, terias de viver como qualquer outro ser humano, aqui e agora, e o teu amor terreno teria sido suficiente para partilhar comigo e com os outros.

Esta vida é tão breve! Não podemos ter a veleidade de emitir qualquer condenação sobre o amor. Devemos viver primeiro, Aurélio, e filosofar depois.

Mas não nos esqueçamos de Mônica. Em Ostia, recolheu ao leito com febre. Mais tarde ouviste que ela «com confiança maternal» tinha falado a alguns dos teus amigos «acerca do desprezo desta vida e da felicidade da morte». [127](#) Sic!

Mônica era uma pessoa piedosa, que soube desprezar esta vida. Mas devo acrescentar que isto deve equivaler a desprezar a obra da Criação divina, porque não sabemos se Deus criou um outro mundo. Dou-me agora conta de que estou a repetir-me. As tuas confissões devem ter-me contagiado, respeitável Bispo. Considero pura arrogância desprezarmos esta vida e todos os seus prazeres terrenos para nos dedicarmos a uma existência que possivelmente não passa de abstração. Espero que não tenhas esquecido a crítica de Aristóteles acerca do Mundo das Idéias.

A vida é tão breve, Aurélio! Temos o direito de alimentar a esperança de uma vida para além desta. Maltratar os outros não deve ser um meio para alcançar uma existência que desconhecemos. Existe ainda uma outra questão que não contemplos em nenhum dos teus Livros. Tendo em conta a tua posição de reitor imperial e porque para ti tudo é um dado adquirido, devias ter considerado a hipótese da existência de uma vida eterna para as almas, mas com base em critérios de salvação diferentes daqueles que tomas por garantidos. Em meu entender, o amor carnal pela mulher amada não é necessariamente um pecado mais grave que separar essa mulher do seu único filho. Sinto prazer em pensar que esse Deus que criou o Céu e a Terra é o mesmo que criou Vênus. Lembras-te quando estava à espera do nosso filho e do período em que o amamentei? Mesmo então ousavas tocar-me, e nunca procuraste outra.

Distanciaste-te de Deus por isso?

Não pretendo afirmar que sei tudo. Só quero dizer que não sei. Nem sequer quero dizer que não creio no julgamento de Deus. Apenas quero dizer que talvez também acredite em virar as costas aos prazeres, ao calor e a toda essa ternura que o Bispo de Hipona agora repudia. Estas são as confissões de Flória!

Mônica morreu no nono dia da doença, aos cinqüenta e seis anos de idade, no trigésimo terceiro ano da minha vida, Aurélio. Então «aquela alma piedosa e santa libertou-se do corpo».<sup>128</sup> Depois continuas: «Quando ela exalou o último suspiro, Adeodato, o meu filho, chorou amarguradamente.» Mas parecia-te que «não ficava bem celebrar-lhe os funerais com pranto e lamentações porque essas demonstrações servem habitualmente para deplorar a infelicidade dos mortos ou o seu completo desaparecimento. A morte de minha mãe, pelo contrário, não foi uma infelicidade. De fato, não foi uma morte».<sup>129</sup>

Que Mônica descanse em paz, Bispo! Não ocultas que também sofreste; sofreste muito e choraste quando ficaste só. Envergonhavas-te de chorar pela tua mãe, porque isso poderia ser interpretado como se tu albergasses em ti ainda sentimentos terrenos.

Lembras-te de uma vez termos falado da arrogância dos heróis gregos?<sup>130</sup> Parece-me oportuno recordar-te agora que não és outra

coisa senão um ser humano.<sup>131</sup> Por quanto tempo vais abusar da minha paciência, Aurélio?<sup>132</sup> Dês as voltas que deres, continuarás a ter «sentimentos terrenos». Se tens sentimentos, que outra natureza poderiam eles ter?

Entretanto, chegou a segunda carta, meu Aurélio...

Depois do funeral de Mônica, em Ostia,<sup>133</sup> dirigiste-te para Roma em companhia de Adeodato e ali viveram perto de um ano. Meu respeitável Bispo, nas tuas confissões nada contas sobre esse tempo. Porquê? Afinal a necessidade de te confessares tem limites.

«Confessar é medicamento para quem errou», escreve Cícero.<sup>134</sup> Mas não confessas os teus erros mais graves! Como é que podes eliminar o último ato da tragédia?

E que lição poderia ser tirada da tragédia se os erros fossem omitidos?

Depois da morte de Mônica caíste, aparentemente, num estado de dúvida e num vazio. Estavas só com um filho, Mônica



tinha desaparecido e sentias a minha falta. Tu, Aurélio, Sentiste a minha falta! Há mais de dois anos que não via Adeodato e ele devia sentir também saudades minhas. Mas nunca mais voltou a ver-me, nem eu a ele.

Nessa carta informavas-me da morte de Mônica. Não te incomodarei agora repetindo tudo, mas mostravas muito empenho em contar-me que romperas o noivado uns tempos antes e que não tencionavas vir a casar. Parece oportuno recordar-te o fecho da carta: «Como sinto a tua falta! Quem me dera que agora pudesses estar aqui conosco. Ao mesmo tempo quero e não quero ver-te. Quero e não posso, posso e não quero.»

Não é estranho que os seres humanos escolham o caminho errado quando não sabem tomar uma decisão? «Vejo o bem e concordo com ele, mas opto pelo mal», escreve Ovídio.<sup>135</sup>

Permitiste que Adeodato escrevesse umas linhas à sua própria mãe. Mas que comovente, Aurélio! Mas que grande consideração da tua parte! Adeodato não pôde ter deixado de apreciar este gesto, após aqueles dois anos sem nos vermos!

A saudade era recíproca e dispus-me ir a Roma porque, pela leitura da tua carta, depreendi que desejavas ver-me. Tive sorte,

pois consegui embarcar uns dias depois.

Vinha-me constantemente ao pensamento a pergunta que anos atrás me fizeras, se eu alguma vez tinha estado em Roma. Ao chegar a esta cidade pela segunda vez, agora, porém, completamente só, tive de perguntar em algumas comunidades aonde devia dirigir-me e, decorridos uns dias, encontrávamo-nos no monte Aventino. Ali abraçamo-nos de novo.

Nos braços um do outro, olhamo-nos intensa e profundamente. Não éramos nesse momento uma alma única que se refletia em si própria? Deves ainda recordar o que então exclamaste. Disseste: «Agora tens de ficar comigo para sempre!»

Não tiveste uma «recaída» durante as semanas que retomamos a vida em comum. Eu diria que renasceste do vale sombrio dos teólogos. Talvez por isso não sentiste necessidade de confessar a Deus nem aos homens o que sucedeu nesse período. Espero que não tenhas contado nada sobre esse lapso de tempo, tendo em conta o que se passou mais adiante.

Recordas-te que paramos para contemplar a camada de neve que se havia depositado sobre os palácios imperiais? Apercebendo-te de que eu tinha frio, apertaste-me contra ti e senti que o teu

sangue aquecia. Então virei-me para ti e comentei que não tinhas vergonha. Mas o meu desejo era o mesmo que o teu. Éramos dois seres humanos com uma vontade única.

Disseste-me que não podíamos viver sob o mesmo teto porque ainda era muito cedo para que Adeodato nos visse juntos. Eu ansiava por estar com ele, mas tu repetias que ele ficaria decepcionado, caso a nossa reconciliação não se concretizasse. Os nossos encontros eram em Aventino, onde tinhas alugado um quarto.

Como podemos esquecer esse Inverno, Aurélio? Voltamos para Vênus e, nos seus braços, brincamos livremente. Confidenciavas que te sentias como uma árvore murcha que revigorara com a chuva, após um longo período de seca.

Serei breve, mas não é com o intuito de poupar-te. Uma tarde, após termos partilhado as dádivas de Vênus, voltaste-te zangado para mim e bateste-me. Não te lembras de que me bateste? Tu, precisamente tu, um respeitado professor de Retórica, espancaste-me porque te deixarás sucumbir à minha ternura! Sobre mim recaíram as culpas do teu desejo. Citei Horácio anteriormente e volto a fazê-lo agora: quando os imbecis querem evitar um erro, fazem precisamente o oposto.

Meu caro Bispo, batias-me e gritavas ao mesmo tempo, porque eu agora representava uma ameaça para a salvação da tua alma. Pegaste num pau e bateste-me de novo. Pensei que me fosses matar, porque isso seria como se te castrasses. Não temi pela minha vida. Fiquei completamente destroçada. Estava tão decepcionada e envergonhada com o meu Aurélio que desejei que tivesses acabado com a minha vida naquele momento.

Passei a representar para ti algo imprescindível para a salvação da tua alma. Tornei-me o cordeiro sacrificial de que necessitavas para que se te abrissem as portas do céu.

Desataste a chorar. Já não me batias, mas as minhas feridas sangravam. Enquanto choravas, consolavas-me e pedias perdão. Explicaste que tudo mudara com a morte de Mônica.

De mãos postas, pedias perdão ora ao teu Deus ora a mim. Pegaste num tecido e ligaste as minhas feridas. Sentia frio e medo: frio porque ainda sangrava e medo porque fora testemunha de uma maldade que desconhecia.

Era como se algo inteiramente novo estivesse a começar. Os velhos tempos tinham terminado quando, juntos, atravessáramos o rio Arno... Os anos que se seguiram foram muito confusos para mim e deixaram-me com muitas dúvidas. A nova época teve início quando me maltrataste a primeira vez. Agora só conseguia pensar: Tu, Aurélio, precisamente tu!

Mandaste-me regressar a Cartago. Só voltei a ter notícias tuas dois anos mais tarde, quando Adeodato morreu.



Acabou-se a tragédia, Bispo. Agora passemos à sátira,<sup>136</sup> pois transcrevo alguns extratos do teu Livro X.

Em várias ocasiões comentei como analisas sentido após sentido e prazer após prazer, dado que louvas o Senhor por te ter desprovido de sentimentos terrenos. Apesar disso, admities que se

torna difícil para ti regular a dose diária de comida de modo a ingerir apenas o necessário para a saúde. Exposto a este gênero de tentação, travas uma «guerra quotidiana com jejuns, de forma a manter o corpo controlado». Mais adiante escreves que «isto não é algo de que se possa desistir de uma vez por todas e nunca mais reatar, como fui capaz de fazer com a relação sexual».[137](#)

Voltamos ao ponto que eu pretendia. Escreves: «Ordenastes-me que me abstinêsse das relações pecaminosas. Quanto ao casamento, embora o permitais, fizestes-me ver que havia outro estado melhor. E porque mo concedestes, adotei-o antes de ser nomeado ministro do Vosso Sacramento.

Mas na minha memória, de que já tanto falei, vivem ainda as imagens dessas coisas que o hábito fixou. Quando estou acordado, embora pouco vivas, é certo, vêm-me à mente. Porém, durante o sono, elas arrastam-me não só ao deleite, mas até à simulação da ação. As imagens ilusórias têm um tal poder na minha alma e no meu corpo que, enquanto durmo, levam-me à prática de ações a que, quando estou acordado, nada do que vejo no mundo da realidade me pode fazer sucumbir. Meu Deus e Senhor, não sou eu próprio nesses momentos?»[138](#)

Não, Aurélio, talvez sejas apenas uma sombra de ti próprio. Antes fosses um escravo que um sumo sacerdote no labirinto sinistro dos teólogos.[139](#)

Voltas a implorar a Deus que encontre uma resolução para estas questões: «Não é a Vossa piedade mais que generosa para me curar de todas as paixões pecaminosas que ainda me possuem mesmo durante o sono? Aumentareis, Senhor, em mim, cada vez mais as Vossas dádivas, para que a minha alma, liberta das ciladas da concupiscência, me leve até Vós. Então ela não estará mais em conflito consigo mesma e, por causa de imagens sensuais, nunca mais impelirá o corpo, durante o sono, para o pecado, rejeitá-lo-á mesmo. Podeis fazer com que a minha alma não deseje tal coisa.»<sup>140</sup>

Pobre Aurélio, aos que desejam muito, faltam muitas coisas, como diz Horácio.<sup>141</sup> Tens quase cinquenta anos. Apetece-me dizer que estou impressionada. Estou orgulhosa também por ter causado uma impressão tão indelével em ti. Nunca imaginei naquele dia de Primavera, em Cartago, quando te sentaste debaixo da figueira, que o nosso amor viria a tornar-se tão tormentoso. Tanto quanto sei a «concupiscência da carne» não se extingue com a Abstinência. O lobo muda o pêlo, mas não a sua natureza, respeitável Bispo.<sup>142</sup> Ou como Zenão diria: Porque será assim tão difícil fugir à própria sombra?<sup>143</sup>

Devemos fugir da comida e do amor porque ambos nos deleitam? Escreves que estás disposto a prescindir para sempre das tentações do olfato. Pergunto-me, ilustre Bispo: o que restará no fim da nossa vida sobre a Terra? Seguindo o teu raciocínio, o ouvido também acarreta tentações: «Os prazeres que o ouvido nos



proporciona prendem-me e subjugam-me. Mas Vós desligastes-me deles e libertastes-me. Confesso que ainda agora encontro alguma satisfação nos cânticos a que as Vossas palavras dão vida e espírito quando são cantadas com suavidade e arte... Deste modo peço sem consciência, mas sinto que é pecado depois.»<sup>144</sup>

Às vezes gostarias até de afastar dos teus ouvidos e dos ouvidos da própria Igreja todas as melodias dos suaves cânticos que normalmente acompanham os Salmos de David. E continuas: «Parece-me que Atanásio, bispo de Alexandria, conduziu as coisas de forma mais satisfatória. Recordo-me de muitas vezes me terem dito que ele mandava o cantor cantar os salmos com uma inflexão de voz tão diminuta que mais parecia um declamador que um cantor.»<sup>145</sup> Pobres paroquianos, respeitável Bispo! Não deveria a arte ser uma forma de adorar Deus e adorar Deus ser uma arte?

Deixaste de amar, Aurélio! Da mesma forma deixaste também de apreciar a comida, de sentir o perfume das flores e quase deixaste de escutar o canto dos salmos. Acrescentas: «Tenho ainda de falar de novo da voluptuosidade dos meus olhos... Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e as cores. Mas isso não possuirá a minha alma! Só Deus a pode possuir. E verdade que Ele criou tudo com perfeição, mas é Ele, não o que criou, que eu amo.»

Suspirando profundamente, dizes que a outra luz corporal «tem uma doçura perigosamente enganadora, que torna a vida mais

atraente para os que amam este mundo cegamente». E continuas: «Muitos seres humanos fizeram aumentar as tentações dos olhos, através de vários tipos de arte e artefatos: com roupa e calçado, taças e vasos de formas diversas, pinturas e esculturas variadas. E com isto excedem aquilo que é estritamente uma necessidade e aquilo que tem um valor religioso! Exteriormente correm atrás das suas obras. Interiormente esquecem Aquele que as criou, destruindo assim o que através d'Ele fizeram!»<sup>146</sup> Esqueceste-te tu por acaso, respeitável Bispo, que é justamente esta condição de criatura que faz com que nos regozijemos com a criação divina? Sinto vontade de repetir que nunca é demasiado tarde para seguir o exemplo de Édipo.<sup>147</sup>

A título de conclusão, advertes contra as tentações a que a curiosidade humana pode conduzir: «Ela não deseja satisfazer o seu prazer na carne, com a ajuda da carne, quer ganhar experiência, através dos sentidos corporais. E assim disfarça-se com nomes como conhecimento e ciência. Este desejo é uma ânsia de conhecimento...»<sup>148</sup> Assim escreve o meu Aurélio que foi nomeado professor imperial de Retórica em Milão. Se estivesses calado, até poderias ter passado por filósofo.<sup>149</sup>

Parece uma indicação convincente de que Boécio, direta ou indiretamente, conhecia a carta de Flória na sua forma integral ou, pelo menos, em parte. Boécio conhecia muito bem as obras de Santo Agostinho, pelo que também é possível que conhecesse o *Codex Flóriæ*. Alguns dos adágios de Flória devem ter chegado ao seu conhecimento.

Mais adiante avisas que é perigoso a nossa mente deixar-se cativar pelo curso das estrelas ou por um cão que persegue uma lebre. Dás exemplos concretos, insistindo que é muito fácil cair em tentação ou deixar-se distrair por aquilo em que os olhos pousam. Escreves: «Muitas vezes, quando estou sentado em casa observo com atenção um lagarto a caçar moscas ou uma aranha enredando as moscas que caem nas suas teias. São, na verdade, criaturas insignificantes. Mas a nossa curiosidade não é a mesma? Estas observações levam-me a louvar-Vos, Vós que sois o Criador admirável e Orientador de todas as coisas. Mas não foi isto que despertou a minha atenção desde o início. Uma coisa é levantar-se após uma queda, e outra coisa é nunca cair.»<sup>150</sup>

Estas palavras fazem-me pensar em Ícaro,<sup>151</sup> que subiu demasiado depressa, acabando por cair aparatosamente, porque se esquecera da sua condição humana. Se preferires, posso lembrar-te o que aconteceu ao povo da Babilônia que tentou construir uma torre que chegasse ao céu...

Estou a ser tão sincera como tu, respeitável Bispo. Cícero diria:<sup>152</sup> as cartas não têm vergonha. Suponho que estás esgotado e, provavelmente, exausto, depois de tudo o que aconteceu e não ocultas. Oxalá dedicasses ao mundo dos sentidos algumas horas da tua vida sobre a Terra. Sai, Aurélio! Espairece e estende-te debaixo de uma figueira. Liberta os sentidos, nem que seja pela derradeira vez. Fá-lo por mim e por tudo aquilo que um dia oferecemos um ao

outro. Respira fundo, escuta o canto dos pássaros, contempla o firmamento<sup>153</sup> e inala os odores que pairam no ar. O mundo é tudo isto, Aurélio, existe aqui e agora. Aqui e agora. Tens andado no labirinto dos teólogos e dos platônicos. Agora estás em casa, no mundo onde habitam os seres humanos.

O mundo é imenso e pouco sabemos sobre ele... E a vida é demasiado breve. Não te lembras de dizer algo semelhante quando lias Cícero?

Supõe que não existe um Deus que negocie com as nossas pobres almas! Imagina que um Deus carinhoso criou o mundo para que vivamos aqui. Se estivesses estendido debaixo de uma figueira, Aurélio, com um dos seus frutos na mão, beijar-te-ia a testa fatigada. Então aproveitaria para destruir essa palavra abominável e incômoda Abstinência que não pára de sobrecarregar o teu espírito. Um abraço meu seria capaz de salvar-te. Por que será que Cartago é tão distante de Hipona Regia?

Vou tentar fazer chegar esta carta às tuas mãos e peço que a leias. Mas não alimento qualquer esperança de que estas palavras penetrem no teu coração. Sei que desperdicei o meu óleo e o meu tempo.<sup>154</sup>

Tenho medo, Aurélio. Tenho medo do que os homens da Igreja possam fazer a mulheres como eu. Não pelo fato de sermos mulheres, mas porque Deus criou-nos assim, e porque assim seduzimos os homens, tal e qual Deus os criou. Julgarás tu por acaso que Deus prefere os eunucos e os castrados aos homens que amam uma mulher? Louva a obra de Criação de Deus. Deus não criou o homem para ser castrado.

Não consigo esquecer aquele episódio em Roma e não penso só em mim. Na realidade, não foi sobre mim que lançaste a tua raiva, respeitável Bispo, foi sim sobre Eva, a Mulher. Não te esqueças de que quem ameaça um faz injustiça a muitos.[155](#)

Sinto arrepios só de pensar que as mulheres como eu podem vir a ser aniquiladas pelos homens da Igreja. Queres saber porquê, respeitável Bispo? Porque vos fazem lembrar que haveis renegado a vossa própria alma e respectivos atributos. E a favor de quem? Em favor de um Deus. Dirás: em favor Daquele que criou um firmamento lá no alto e a Terra em que vivem as mulheres que dão à luz os homens.

Se Deus existe, que Ele te perdoe. Um dia serás castigado por teres renunciado a todos estes prazeres. Negas o amor entre homem e mulher. Podes ser perdoado, mas nunca te esqueças que procedes assim, em nome de Deus.

A vida é breve e muito pouco sabemos sobre ela. Se foste tu quem fez chegar as tuas confissões aqui a Cartago para que eu as lesse, respondo-te já que jamais me deixarei batizar, respeitável Bispo. Não temo a Deus porque sinto que já vivo com Ele. Não foi Ele quem me criou? Não é o Nazareno quem me impede, pois ele foi certamente um homem de Deus. E não teria ele sido justo para com as mulheres? Temos, sim, os teólogos. Que o Deus do Nazareno te perdoe por toda a ternura e todo o amor que agora rejeitas.

Falei e salvei a minha alma.<sup>156</sup> Agora, respeitável Bispo, chegou o momento de beber.<sup>157</sup> Estou em Cartago, sentada debaixo da nossa figueira que, pela terceira vez, floresce<sup>158</sup> sem dar fruto.<sup>159</sup>

Eu te saúdo!<sup>160</sup>

*Continuo sem resposta para muitas das minhas perguntas. Teria Flória enviado a carta a Aurélio? Ou teria ela mudado de idéias? Na carta menciona que receia o que os homens da Igreja poderão vir a fazer a mulheres como ela.*

*Como se depreende de algumas notas de rodapé, estou convencido de que a carta foi remetida ao Bispo de Hipona Regia. Há ainda a hipótese de a carta ter permanecido como coisa sigilosa, ao longo da história da Igreja Católica. E mesmo se existissem várias cópias, isso não significa que muitas pessoas soubessem da sua existência. Pode até ter acontecido que, intencionalmente, o pergaminho inicial tivesse ficado escondido até ser copiado no século XVI. E depois disso, o que terá acontecido?*

*O meu exemplar do Codex Flóriae pode ter ficado na biblioteca de algum convento até ter sido recentemente vendido ao pequeno alfarrabista em Buenos Aires. O proprietário disse que costumava proteger os interesses dos seus clientes: um padre, para não dizer uma freira também pode passar por dificuldades financeiras...*

*No que diz respeito á carta, há ainda a considerar outra hipótese. Independentemente de Agostinho ter ou não recebido a carta de Flória, suponhamos que uma cópia, ou mesmo o original, foi encontrado em alguma biblioteca abandonada no Norte de África pelos invasores árabes no século VII. Posteriormente, o velho pergaminho poderá ter sido levado para Espanha onde permaneceu esquecido durante séculos, até que os missionários espanhóis o levaram para a América do Sul, onde o copiaram. Não faço idéia se ainda existe o pergaminho original.*

*Há ainda uma outra questão que me interessa acima de tudo: qual teria sido a reação de Agostinho quando leu a carta da sua ex-*

*amante? Que teria ele feito à carta? E a Flória?*

*O mais provável é nunca chegarmos a saber se alguma vez recebeu a carta. Embora a alguns anos tenha sido encontrada uma carta de Agostinho até aí desconhecida. (Peter Brown, The Body and Society, Colúmbia University Press, New York, 1988, p. 397.)*

*No que me diz respeito, fui muito ingênuo por não ter exigido um recibo da Biblioteca do Vaticano.*

JOSTEIN GAARDER

Oslo, 8 de Agosto de 1996.





1 i.e., ouvinte. Flória usa a palavra latina *auditor*.

2 i.e., Deus. *Confessiones* é escrita sob a forma de confissões de Santo Agostinho a Deus.

3 *Conf. VI, 15.*

4 Flória usa o nome latino *Mediolanum*.

5 A mãe de Agostinho.

6 *Conf. VI, 15.*

7 *O tēmpora, o mores!* (Ó tempos, ó costumes!) Cícero utiliza esta expressão várias vezes nos seus discursos. As constantes alusões de Flória aos escritores e filósofos romanos podem significar que ela pretende mostrar que é agora uma mulher culta.

8 Não consegui apurar o nome do escritor romano a que Flória se refere.

9 *Obitus veneris*, i.e., a destruição do amor.

10 *Conf. VIII, 11.*

11 *Multa paucis.*

12 *Dum vitant stulti vitia in contraria currunt.*

13 Cícero (106-143 a. C), estadista, orador e filósofo romano; contribuiu significativamente para a divulgação da filosofia grega em Roma. Como filósofo pode ser considerado um eclético, pois tentou fundir as diferentes correntes filosóficas numa única. O texto a que Santo Agostinho se refere nas *Confessiones* é *Hortensius*, texto esse que se considera perdido.

14 *Conf. 111,4.*

15 Flória faz alusão a uma expressão extraída das sátiras de Juvenal: *Vitam impendere vero*.

16 Uma alusão à frase *Amicus Plato, sed magis amica veritas* (Estimo Platão, mas estimo ainda mais a verdade), atribuída a Aristóteles.

17 Creio que Flória se refere aqui a obras sobre filosofia de outros autores.

18 *Feminis lugere honestum est. viris meminisse*.

19 *Conf. IX, 6*.

20 Aquele que é uma dádiva de Deus.

21 Sêneca diz que uma parte deve ouvir a outra, mas Flória fez uma interpretação diferente na sua carta. Este princípio dialético foi formulado aqui exatamente como aparece no opúsculo de Santo Agostinho *De duabus animabus*, datado de 391: *Audiat et altera pars*. É provável que Flória conhecesse este opúsculo, mas eu prefiro imaginar que é Santo Agostinho quem, em *Duabus animabus*, reproduz as palavras que Flória lhe disse no Fórum Romano, no Inverno de 388.

22 *Conf. I, 2, Cf. Rom. 11, 36*.

23 *Conf. I, 7*.

24 *Conf. I, 11*.

25 O maniqueísmo foi um movimento religioso de grande influência no tempo de Agostinho. Era uma doutrina de salvação, em parte religiosa, em parte filosófica. Baseava-se na idéia dualista de que o mundo está dividido entre o mal e o bem, a luz e as trevas, o espírito e a matéria. Com a ajuda do espírito, o ser humano poderia sobrepor-se ao mundo material e assim salvar a alma.

26 *Conf. X, 32.*

27 *Plaudite!*; i.e., felicitações!

28 *Conf. X, 31.*

29 *Dulce est desipere in loco.*

30 *Nihil tam absurdum dici potest ut non dicatur a philosopho.*

31 *Conf. II, 1.*

32 *Conf. II, 2.*

33 Faz alusão à famosa citação de Terêncio: *Homo sum; nihil humanum a me alienum puto* (Sou um homem e considero que nada do que é humano me é alheio).

34 *Conf. II, 6.*

35 *Conf. II, 2.*

36 É de compreender a indignação de Flória ao ver que Agostinho separou um verso do seu contexto. *Vide* também 1, Coríntios 7, 1-7.

37 *Naturam expellas furca, tamen usque recurret.*

38 *Conf. II, 2. Vide* também Mateus 19, 12. Este versículo de Mateus inspirou alguns dos primeiros cristãos a deixarem-se castrar, entre os quais Orígenes (185-254), padre da Igreja. Na *Vulgata*, a tradução latina da Bíblia que Santo Agostinho utilizou, o versículo foi traduzido da seguinte forma: *Sunt enim eunuchi qui de matris utero sic nati sunt; et sunt eunuchi qui facti sunt ab hominibus; et sunt eunuchi qui se ipsos castraverunt propter regnum caelorum; qui potest capere capiat.*

39 *Conf. X, 30.*

40 Da tragédia *Rei Édipo*, de Sófocles. Édipo arrancou os próprios olhos com um alfinete que Jocasta usava no cabelo, quando compreendeu que tinha morto o pai (Laio) e desposado a mãe (Jocasta).

41 *Conf. III, 1.*

42 Da *Eneida*, de Virgílio. Enéias alcança Cartago depois do naufrágio e apaixona-se loucamente por Dido, rainha de Cartago. Mas Enéias que tem um grande projeto em perspectiva, liberta-se das amarras de Dido e dirige-se para Itália para fundar um reino poderoso, a futura Roma, sem revelar qualquer compaixão pelo destino trágico de Dido. Com o coração despedaçado, Dido suicida-se.

43 *Fédon*, diálogo de Platão, em que Sócrates procura estabelecer a imortalidade da alma.

44 Porfírio (232-304), filósofo neoplatônico, discípulo de Plotino.

45 Horácio: *Quot capita, tot sensus.*

46 Ambrósio (339-397) exercia uma posição elevada no Estado, antes de ser nomeado bispo de Milão.

47 *Conf. III, 1.*

48 *Primum esse, tum philosophari.*

49 *Conf. IV, 8.*

50 *Scortum* (pele, couro) a palavra pode significar também «prostituta, puta».

51 *Delictum.*

52 *Peccatum.*

<sup>53</sup> Flória faz a paráfrase das palavras de um antigo rito de casamento romano.

<sup>54</sup> *Conf. III, 12.*

<sup>55</sup> i.e., Santo Agostinho.

<sup>56</sup> *Conf. III, 11.*

<sup>57</sup> Cf. nota de rodapé 53. A expressão que Santo Agostinho usa «onde estavas tu, estava eu», deve ter tido, para muitas pessoas da sua era, conotações com a relação homem-mulher no matrimônio.

<sup>58</sup> *Conf. IX, 12.*

<sup>59</sup> Cf nota de rodapé 40. Ignorando o que fazia, Édipo desposou a mãe (Jocasta) de quem teve quatro filhos.

<sup>60</sup> *Furor poeticus*, i.e., furor poético.

<sup>61</sup> *Ridendo dicere verum*, das sátiras de Horácio.

<sup>62</sup> *Vita brevis.*

<sup>63</sup> A citação continua assim em *Conf. IV, 2*: «Aprendi com a nossa própria experiência, a ver a diferença entre um casamento baseado na idéia de ter filhos e numa relação motivada apenas pelo amor sensual, de tal modo que os nascidos dessa relação não são desejados, embora os pais se vejam obrigados a amá-los.» Flória não se deixou impressionar por esta passagem e nem sequer a comentou. Dá sim ênfase à experiência de terem vivido juntos como cônjuges.

<sup>64</sup> Santo Agostinho não menciona o nome do amigo.

<sup>65</sup> *Conf. IV, 6.*

<sup>66</sup> *Conf. IV, 7.*

67 *Conf. IV, 8.*

68 *Conf. V, 8.*

69 *Conf. V, 9.*

70 A perdição da alma não deve ser confundida com o conceito cristão do julgamento de Deus. Na Antigüidade, era comum, segundo as várias doutrinas filosóficas, pensar-se que enquanto algumas almas estavam condenadas outras mereciam a vida eterna.

71 O estoicismo era uma doutrina filosófica de acordo com a qual o equilíbrio espiritual estava em harmonia com a razão do mundo. Segundo os estóicos, todos os processos naturais incluindo a doença e a morte, seguiam as leis invioláveis da natureza. Consequentemente os seres humanos deviam conformar-se com o seu destino.

72 i.e., os cétricos. Santo Agostinho descreve-os com as seguintes palavras: «Pensavam que se pode duvidar de tudo e sustentavam que o homem não podia compreender a verdade.» (*Conf. V, 10*).

73 Florença.

74 Provavelmente paráfrase do adágio: *Ubi mens plurima, ibi mínima fortuna* (onde há muita inteligência, há pouca felicidade).

75 Pedra preciosa, concha ou outro material trabalhado em relevo. Uma arte muito popular neste período.

76 *Nil nisi bene*. Deve derivar da frase: *De mortuis nil nisi bem*. Se assim for, deve ser interpretado como uma insinuação de que a alma de Aurélio é uma alma morta.

77 *In Florentia Flória floruit*.

<sup>78</sup> *Auro* (áureo). O jogo de palavras perde-se em certa medida na tradução.

<sup>79</sup> *Conf. VI, 3.*

<sup>80</sup> *Conf. V, 14.*

<sup>81</sup> *Conf. VI, 11.* Cf. nota de rodapé 72.

<sup>82</sup> *Conf. VI, 11.*

<sup>83</sup> *Ibid.*

<sup>84</sup> *Nomina sunt odiosa*, i.e., «os nomes são inoportunos». Esta frase deve pertencer ao discurso de Cícero a Roscius.

<sup>85</sup> Alípio, amigo e ex-discípulo de Santo Agostinho, natural de Tagaste, terra natal de Santo Agostinho, chegou a Roma antes dele para estudar Direito. Juntos visitaram Milão (*Conf. VI, 7-10*).

<sup>86</sup> *Conf. VI, 12.*

<sup>87</sup> Parece que Santo Agostinho se debateu com sérios problemas de consciência por ter abandonado Flória, a sua companheira, embora sobre isso nada conste das suas *Confessiones* nem dedique um único pensamento às feridas que lhe causou. No opúsculo *De bono coniugali* (*Os Benefícios do Matrimônio*, 401), escrito numa época em que já devia ter lido a carta de Flória, Santo Agostinho sublinha que um homem que abandona uma companheira fiel para desposar outra mulher, comete o pecado da infidelidade. Nem todos os cristãos da sua época partilhavam a mesma opinião. Até meados da Idade Média, era comum um homem ter uma concubina antes do casamento. O bispo Leão de Roma declarou, em meados do século V, que era perfeitamente aceitável um cristão deixar uma concubina para contrair matrimônio. Isto não era considerado divórcio nem tão-pouco bigamia, era antes encarado como um aperfeiçoamento moral, idéia que, como sabemos, Santo Agostinho rejeitou. Um



homem que tivesse uma relação com uma concubina, devia manter-se fiel à sua companheira e não casar-se. Acho interessante colocar a seguinte questão: teria Santo Agostinho passado a defender o estado de casada para a concubina bem como os seus direitos, se não tivesse lido a carta de Flória depois de ter escrito as suas *Confessio*

<sup>88</sup> *Conf. VI, 13.*

<sup>89</sup> *Peccatum*, ofensa ou pecado. Cf. grego *hamartia*, termo que designa o erro que posteriormente conduz à queda do herói trágico. Este gênero de erro fatal é quase sempre cometido sem qualquer má intenção, o que é precisamente característico da tragédia.

<sup>90</sup> Os Gregos usavam o nome *himation*. Flória usa a palavra latina *toga* que significa vestimenta tradicional romana.

<sup>91</sup> *Sic, Aureli! Sic!*

<sup>92</sup> Deve pertencer a uma peça sobre Cícero que dirige a frase *Omnia mea mecum porto* ao filósofo grego Bias, o qual foi obrigado a fugir do inimigo sem levar nada consigo. Apesar de tudo levou o essencial: a sua sabedoria e experiência.

<sup>93</sup> Da tragédia *Medéia*, de Eurípedes. Medéia assassinou os seus próprios filhos para se vingar do marido (Jasão) que a traía. O ódio que sentia por Jasão era mais intenso que o amor pelos filhos que ambos tiveram. Na sua paixão devastadora, Dido e Medéia são abissalmente diferentes.

<sup>94</sup> *Conf. VI, 13.* A idade normal para o casamento era 12-13 anos. Segundo Flória, a jovem devia ter uns onze anos apenas.

<sup>95</sup> *Conf. VI, 15.*

<sup>96</sup> *Ibid.*

<sup>97</sup> Epicuro (341-270 a. C), filósofo grego, que vivia em Atenas. Epicuro aceitava o atomismo de Demócrito e acreditava que a filosofia materialista podia atenuar o receio que os seres humanos sentem pela morte e punição divina. «A morte não nos diz respeito», argumentava. «Enquanto existimos, a morte está ausente. Quando a morte chega, já não existimos.» A sua filosofia libertadora resumia-se àquilo que chamava «as quatro ervas da cura»: «Não ter medo dos deuses. Não se preocupar com a morte. O bem é de curto alcance. O pavor suporta-se facilmente.»

<sup>98</sup> *Conf. VI, 16.*

<sup>99</sup> Não consegui apurar a que grego Flória se refere.

<sup>100</sup> Ariadne deu a Teseu o fio com o qual ele conseguiu sair do labirinto de Creta (Cnossos) depois de matar o monstro Minotauro, que exigia que todos os anos lhe fossem entregues sete raparigas e sete rapazes atenienses.

<sup>101</sup> Cf. nota de rodapé anterior.

<sup>102</sup> *Piscator hominum.* Da *Vulgata*, a tradução latina da Bíblia, que Flória pressupostamente utilizou. *Vide* Marcos 1, 17: *Es dixit eis Iesus venite post me et faciam vos fieri piscatores hominum.* Cf. Mateus 4, 19.

<sup>103</sup> *Conf. X, 30.* Tenho pensado se esta comparação teria sido uma tentativa consciente de Flória para evidenciar o contraste com a cave de Platão, que ela certamente deveria conhecer.

<sup>104</sup> *Omnen crede diem tibi diluxisse supremum.*

<sup>105</sup> *Conf. VI, 16.* Vós, i.e., Deus.

<sup>106</sup> *Vide* nota de rodapé 100.

<sup>107</sup> *Conf. VII, 1.*

[108](#) *Ibid.*

[109](#) *Frondem in silvis non cernis?* Equivalente a: Não consegues ver a floresta para além das árvores?

[110](#) *Conf. VII, 1.*

[111](#) *Vide* Coríntios 1, 13,12. Tradução da *Vulgata*: *Videmus nunc per speculum in enigmate, tunc autem facie ad faciem, nunc cognosco ex parte, tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum* (Hoje vemos através de um espelho, de maneira confusa, mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte: Então, conhecerei exatamente, como também sou conhecido).

[112](#) *Conf. VIII, 1.*

[113](#) *Ibid.*

[114](#) *Ibid.*

[115](#) *Conf. VIII, 5.*

[116](#) *Ibid.*

[117](#) *Conf. VIII, 7.*

[118](#) *Conf. VIII, 7 e VIII, 10.*

[119](#) *Conf. VIII, 11.*

[120](#) *Conf. VIII, 12.*

[121](#) *Omnia vicerant amorem.* Creio que é uma inversão da frase de Virgílio: «O amor vence tudo» (*omnia vincit amor*). Enéias era filho de Afrodite, a deusa do amor (Vênus).

[122](#) *Conf. VIII, 12.*

[123](#) *Conf. IX, 6.*

[124](#) *Ibid.*

[125](#) A expressão *toffelheld* (um «joguete», um «banana») apareceu na Antigüidade. Vide o livro *Romersk kultur (A Cultura Romana)*, Fredrik Bie, publicado pela Editorial Gyldendal Norsk Forlag, em 1958, p. 59. No entanto não encontrei essa palavra em dicionários nem em textos da Antigüidade.

Flória usa a expressão *crepundia* que deve ser traduzida por «chocalho» ou «penduricalho». A palavra deriva de *crepo* que significa «chocalhar», «farfalhar», «tropear». *Crepida*, sandália grega, deriva do mesmo verbo.

Se fizermos uma tradução à letra, Flória chama penduricalho à Abstinência. Eu preferi uma tradução mais livre.

Fredrik Bie deve ter tido em mente *crepundia*, quando utilizou a palavra *toffelheld*. No contexto presente significa um homem fraco, um brinquedo nas mãos da esposa. Mas o mais provável ainda, é Bie ter pensado no adjetivo *uxorius* um homem dominado pela mulher, um escravo da mulher. Virgílio e Horácio usam *uxorius* neste sentido. [Na tradução portuguesa preferiu-se o termo «joguete».]

[126](#) *Conf. IX, 10.*

[127](#) *Conf. IX, 11.*

[128](#) *Ibid.*

[129](#) *Conf. IX, 12.*

[130](#) Vide a palavra grega *hybris*, que se encontra na ira dos deuses (*nêmesis*). No caso presente, Flória utiliza a palavra *superbia*.

[131](#) *Te hominem esse memento.* Estas palavras eram sussurradas ao ouvido de um vencedor durante o desfile triunfal através de Roma.

[132](#) *Video* primeiro discurso de Cícero a Catilina: Durante quanto tempo, irás abusar da nossa paciência?

[133](#) O túmulo de Mônica foi encontrado em Ostia, no Verão de 1945, por dois rapazes quando faziam um furo para montar o cesto de basquetebol.

[134](#) *Fit erranti medicina confessio.*

[135](#) *Video meliora proboque, deteriora sequor.* Cf. São Paulo, Carta aos Romanos, 7,19. Na *Vulgata: Non enim quod volo bonum hoc facio sed quod nolo malum hoc ago.* (Efetivamente, o bem que eu quero, não o faço, mas o mal que eu não quero, pratico.)

[136](#) No período clássico, às representações das tragédias gregas seguiam-se as chamadas sátiras. Os sátiros eram criaturas muito vivas, lascivas e semidivinas, com formas meio-caprinas, meio-humanas. Flória descreve o Livro X de Santo Agostinho como se fosse uma peça satírica e usa de muita ironia. Pretendeu certamente criar a idéia de um bispo semidivino que deplora as seus desejos e necessidades perversos até à morte.

[137](#) *Conf. X, 31.*

[138](#) *Conf. X, 30.*

[139](#) Flória deve ter aproveitado as palavras de Aquiles sobre a vida das sombras no reino da morte: «Antes andar sobre a Terra a trabalhar para um homem desprovido de bens que ser senhor de todos os mortos». *Odisséia*, de Homero. Flória considera Agostinho como um vivo-morto no reino da morte da Igreja, à imagem do que ele fizera vezes sem-fim ao comparar a morte à concupiscência.

[140](#) *Conf, X, 30.*

[141](#) *Multa petentibus desunt multa.*

[142](#) Trocadilho a partir do provérbio: *Lupus pilum mutat, non mentem*.

[143](#) Zenão de Eleia, filósofo grego que viveu à volta de 460 a. C, negava a impossibilidade da diversidade e do movimento, como, por exemplo, no paradoxo de Aquiles e a Tartaruga. Baseia-se numa citação sem fonte documental. A memória de Flória pode ter falhado.

[144](#) *Conf. X, 33.*

[145](#) *Ibid.*

[146](#) *Conf. X, 34.*

[147](#) *Vide* nota de rodapé 40.

[148](#) *Conf. X, 35.*

[149](#) *Si tacuisses, philosophus manuisses* (Se estivesses calado, até podias ter permanecido filósofo). Considero esta a expressão mais espetacular de Flória. É uma frase conhecida da obra *As Consolações da Filosofia*, de Boécio (480-524), escrita uns cem anos depois da carta de Flória.

[150](#) *Conf. X, 35.*

[151](#) Segundo a mitologia grega, Dédalo construiu asas com cera e penas de aves para poder evadir-se com o filho Ícaro da ilha de Creta. Apesar das advertências do pai, o arrogante Ícaro aproximou-se demasiado do Sol. Tendo a cera derretido, as asas caíram e ele precipitou-se no mar.

[152](#) *Epistula non erubescit* (Cícero).

[153](#) Flória escreve «contempla Júpiter», i.e., o Pai Jove, o deus dos Céus. «Sob o céu» pode referir-se a *sub Iove* (sob Jove), como, por exemplo, em Horácio.

[154](#) Flória parafraseia Plauto: *Oleum et operam perdidit* (perdi o meu óleo e o meu tempo). É uma frase atribuída a uma rapariga que, em vão, tentou ser bem sucedida junto do sexo oposto.

[155](#) Cf. Sírrio: *Multis minatur, qui uni facit iniuriam*.

[156](#) *Dixi et salvavi animam meam*.

[157](#) *Nunc est bibendum* (Horácio).

[158](#) *Floret* (derivado de *floreo*, florir, florescer). Parece que Flória volta a fazer um trocadilho com o seu próprio nome. O nome Flória deve derivar de *flos*, *floris* (flor). Cf. Flora, deusa das flores. A cerca de vinte quilômetros de Ostia existem as ruínas de um antigo mosteiro agostiniano. Esse mosteiro foi construído na Idade Média na margem do rio Fiora (Flória), perto da sua foz. Provavelmente houve um culto a Flória no período medieval.

[159](#) *Fructum*, deriva de *fructus*, que pode significar «uso», «recompensa» ou «proveito». Flória leu também os quatro Evangelhos. Teria tido ela em mente as parábolas da figueira? (*Vide* S. Mateus 21, 18-22 e S. Lucas 13, 6-9).

[160](#) *Vale!* Expressão usual para terminar uma carta.